

**FACULDADE VALE DO CRICARÉ
MESTRADO PROFISSIONAL EM CIÊNCIA,
TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO**

ANDREA DOS SANTOS FREIRE DUARTE

**O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
CONSTRUÇÃO TEÓRICA PARA O ENSINO E
POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES**

SÃO MATEUS - ES

2021

ANDREA DOS SANTOS FREIRE DUARTE

O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
CONSTRUÇÃO TEÓRICA PARA O ENSINO E
POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação da Faculdade Vale do Cricaré, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciência, Educação e Tecnologia.

Área de Concentração: Educação.

Orientadora: Prof. Dra. Nilda da Silva Pereira.

SÃO MATEUS - ES

2021

Autorizada a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na publicação

Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação

Faculdade Vale do Cricaré – São Mateus – ES

D812p

Duarte, Andrea dos Santos Freire.

O processo de alfabetização na educação infantil: construção teórica para o ensino e possíveis contribuições / Andrea dos Santos Freire Duarte – São Mateus - ES, 2021.

93 f.: il.

Dissertação (Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação) – Faculdade Vale do Cricaré, São Mateus - ES, 2021.

Orientação: prof^a. Dr^a. Nilda da Silva Pereira.

1. Alfabetização. 2. Educação infantil. 3. Metodologias de ensino. 4. Recreação. 5. Presidente Kennedy - ES. I. Pereira, Nilda da Silva. II. Título.

CDD: 372.41

Sidnei Fabio da Glória Lopes, bibliotecário ES-000641/O, CRB 6ª Região – MG e ES

ANDRÉA DOS SANTOS FREIRE DUARTE

**O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
CONSTRUÇÃO TEÓRICA PARA O ENSINO E POSSÍVEIS
CONTRIBUIÇÕES.**

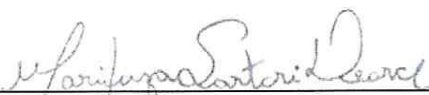
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Educação da Faculdade Vale do Cricaré (FVC), como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Ciência, Tecnologia e Educação, na área de concentração Ciência, Tecnologia e Educação.

Aprovado em 17 de dezembro de 2021.

COMISSÃO EXAMINADORA



Profa. Dra. Nilda da Silva Pereira
Faculdade Vale do Cricaré (FVC)
Orientadora



Profa. Dra. Mariluz Sartori Deorce
Faculdade Vale do Cricaré (FVC)



Prof^a. Dr^a. Denize Mezadri de Almeida
Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

RESUMO

Este trabalho, intitulado "O processo de alfabetização na Educação Infantil: construção teórica para o ensino e possíveis contribuições", tem como objetivo compreender quais os aportes teóricos utilizados pelas educadoras no processo de alfabetização e introdução ao letramento na Educação Infantil, ao buscar captar como se consolida tal processo. A pesquisa foi realizada na Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental EMEIEF Vilmo Ornelas Sarlo, situada no município de Presidente Kennedy/ES, com foco na pré-escola, que atende a crianças de 4 a 6 anos de idade. Ao compreender as práticas pedagógicas para esta etapa, onde possuem a sala de aula para trabalhar o desenvolvimento da criança em sua totalidade, através de experiências, no que diz respeito à aprendizagem da linguagem oral e escrita, aborda-se, aqui, o seguinte questionamento: quais são as bases teóricas utilizadas atualmente pelos professores para realizar o trabalho de alfabetização nas práticas da Educação Infantil? A proposta é fundamentada nos aportes teóricos das professoras relacionadas ao trabalho de alfabetização desenvolvido com as crianças, em diálogo com autores como Gontijo (2018), Vygotsky (2005), Piaget (2005), Ferreiro; Teberosky (1985) e Freire (1987). Assim, este estudo se justifica por compreender as matrizes teóricas utilizadas como fundamento no estudo e prática profissional que se dedica ao desenvolvimento da criança na faixa etária dos 4 aos 6 anos da Educação Infantil ao examinar as possibilidades do trabalho de alfabetização nesta etapa, além de explorar propostas e contribuições às práticas dos professores, bem como o desenvolvimento da criança nesse contexto. A metodologia está pautada em uma revisão bibliográfica para compreensão do contexto da alfabetização na Educação Infantil. A aplicação de questionários às professoras como coleta de dados tem como objetivo a aproximação da realidade local das práticas pedagógicas. Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa de natureza exploratória, onde a aproximação com a realidade e o comparativo com outras pesquisas permitiu que os objetivos traçados fossem alcançados. Os resultados encontrados apontam que as práticas de alfabetização podem ser incluídas na etapa da Educação Infantil, desde que estejam permeadas de ludicidade, brincadeiras e interações, para proporcionar familiarização da linguagem escrita. Assim, foi possível perceber que as educadoras se respaldam no pensamento de Vygotsky, na tendência pedagógica sócio-histórica, ao entender que a escola é espaço promovedor de aprendizado através das mediações do professor. Por fim, foi possível construir junto aos educadores um produto educacional com as contribuições emergidas na pesquisa relacionadas ao trabalho de alfabetização na fase da pré-escola, com atividades voltadas para o trabalho de alfabetização nesta etapa.

Palavras-chave: Alfabetização. Educação Infantil. Pré-Escola. Práticas Pedagógicas.

ABSTRACT

The present work, called "The Literacy Process in Early Childhood Education: Theoretical Construction for Teaching and Possible Contributions" aims to understand the theoretical contributions used by educators in the literacy process and introduction to literacy in Early Childhood Education, when seeking to capture how this process is consolidated. The research was carried out at the Municipal School of Kindergarten and Elementary Education EMEIEF Vilmo Ornelas Sarlo, located in the city of Presidente Kennedy/ES, with a focus on preschool, which serves children aged 4 to 6 years old. The pedagogical practices for this stage have the classroom to work on the child's development in its entirety, through experiences with regard to learning oral and written language. In this sense, the following question is addressed here: what are the theoretical bases currently used by teachers to carry out the literacy work in Early Childhood Education practices? The proposal is to get in touch with the theoretical contributions of teachers related to literacy work developed with children, in dialogue with authors such as Gontijo (2018), Vygotsky (2005), Piaget (2005) and Ferreiro;Teberosky (1985). Thus, this study is justified by understanding the theoretical frameworks used as a foundation in the study and professional practice dedicated to the development of children aged 4 to 6 years of Early Childhood Education by examining the possibilities of literacy work at this stage, in addition to to explore proposals and contributions to teachers' practices, as well as the child's development at this stage. The methodology is based on a literature review to understand the context of literacy in Early Childhood Education. The application of questionnaires to teachers as data collection aims to bring the local reality closer to pedagogical practices. This is a qualitative research approach of exploratory nature, where the approximation with reality and comparison with other research will allow the outlined objectives to be achieved. Finally, together with the educators, build a pedagogical guide with the contributions that emerged in the research related to the literacy work in the pre-school phase, with activities aimed at the literacy work in this stage.

Keywords: Literacy. Child education. Pre school. Pedagogical practices.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 REFERENCIAL TEÓRICO	13
2.1 ALFABETIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: REVISÃO DE LITERATURA	13
2.2 PRIMEIROS CONTATOS DA CRIANÇA COM A LINGUAGEM ESCRITA.....	15
2.3 VYGOTSKY E A TEORIA DO DESENVOLVIMENTO	20
2.4 PIAGET E O DESENVOLVIMENTO DAS CRIANÇAS.....	23
2.5 FERREIRO, TEBEROSKY E A ALFABETIZAÇÃO	25
2.6 TENDÊNCIAS PEDAGÓGICAS.....	30
3 METODOLOGIA	37
3.1 O DE PESQUISA	37
3.2 SUJEITOS DA PESQUISA.....	38
3.3 LOCAL DA PESQUISA	39
3.4 DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA	39
3.4.1 Primeiro momento	40
3.4.2 Segundo momento	40
3.4.3 Terceiro momento	41
3.4.4 Quarto momento	42
3.5 PRODUTO EDUCACIONAL.....	42
4 RESULTADOS, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	44
4.1 DIÁRIO DE BORDO: O QUE REVELA O ESPAÇO ESCOLAR SOBRE ALFABETIZAÇÃO NAS SALAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL	45
4.2 RODAS DE CONVERSAS: CONTRIBUIÇÕES DE PRÁTICAS DE ALFABETIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL	48
4.3 CONCEPÇÕES DAS EDUCADORAS DIANTE DAS PRÁTICAS RELACIONADAS À ALFABETIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	53
4.3.1 Concepções das educadoras com relação à Alfabetização na Educação Infantil	54
4.3.2 Considerações sobre as atividades pedagógicas aplicadas em sala de aula na Educação Infantil voltada para o contato das crianças com a alfabetização	55

4.3.3 Apontamentos das professoras sobre o embasamento teórico que utiliza no trabalho de alfabetização das crianças da Educação Infantil e suas percepções quanto aos resultados	57
4.3.4 Observação sobre a utilização de brinquedos e brincadeiras nas atividades de alfabetização.....	60
5 PRODUTO EDUCACIONAL	63
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	66
7 REFERÊNCIAS.....	68
APÊNDICES	71
APÊNDICE A: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)..	71
APÊNDICE B: QUESTIONÁRIO A SER APLICADO	74
APÊNDICE C: PRODUTO EDUCACIONAL.....	75
ANEXO	93
ANEXO A: TERMO DE AUTORIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO COPARTICIPANTE	93

1 INTRODUÇÃO

Nasci¹ em Campo dos Goytacazes, município localizado no Estado do Rio de Janeiro, onde vivi até meus 22 anos de idade. Venho de uma família humilde de três irmãs, meus pais sempre trabalharam de forma árdua para que pudéssemos estudar, pois eles não puderam ter esse privilégio, já que seus pais não deixavam porque tinham que trabalhar na roça, para ajudar no sustento de toda a família. Completei meus estudos em uma única escola que era pública, onde tive a oportunidade de cursar o magistério, em 1995. Meus pais sempre diziam que a única herança que eles podiam nos deixar era a educação e que isso ninguém nos tiraria. Cada vez mais nos incentivaram a estudar e querer sempre mais. Sempre fui incentivada a estudar, seguir a carreira do magistério e buscar nova graduação dentro da educação. No ano de 2013, passei no vestibular e ingressei em um curso de Pedagogia na Faculdade do Norte do Paraná, foi puxado, pois saía do serviço direto para a faculdade e só chegava às 2 horas da manhã, mas o esforço valeu a pena. Foi uma oportunidade ímpar na minha vida profissional e, hoje, já fiz três pós-graduações. Toda essa trajetória me ofereceu subsídios para a ampliação dos meus conhecimentos e a certeza que não escolheria nenhuma outra profissão, pois tenho orgulho de dizer que sou uma professora.

As Diretrizes nos apontam que a Educação Infantil é a primeira etapa da Educação Básica e tem como objetivo o desenvolvimento integral da criança de 0 a 6 anos, contemplá-la em todos seus aspectos cognitivos, físico, psicológico e social, conforme as Diretrizes Nacionais da Educação Básica (BRASIL 2013), documento nacional que garante o cuidado e o educar, mediante uma atenção mais intensa durante as atividades pedagógicas.

De acordo com a Diretrizes Nacionais da Educação Básica (BRASIL 2013), a etapa da Educação Infantil é dividida em creche e a pré-escola, segundo este documento, criança é sujeito histórico e de direitos, que se desenvolve nas interações com outras crianças e adultos, pois adquire conhecimentos através das experiências do cotidiano. Nesse sentido, a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL 2017), assegura através dos direitos de aprendizagem, por intermédio das interações

¹ Por se tratar de trajetória pessoal da pesquisadora há momentos deste capítulo que se encontram escritos na primeira pessoa do singular.

e do brincar, condições para que as crianças aprendam e construam significados de si, dos outros e do mundo, pois este documento deixa clara a promoção do desenvolvimento das crianças com planejamento, organização e mediação por parte do professor.

Para a presente pesquisa, se fez necessário um olhar mais aproximado da respectiva realidade escolar, com uma coleta de informações no que se refere às práticas escolares que envolvem os processos ensino e aprendizagem, voltados para a alfabetização na Educação Infantil. Além disso, traçar um paralelo e criar diálogos entre a pesquisa bibliográfica com a realidade da sala de aula permitiu compreender a importância da alfabetização na Educação Infantil.

Para buscar compreender esses processos, foi necessário, conhecer os objetivos traçados para a etapa da Educação Infantil na educação, assim como foi importante entender também o desenvolvimento da criança para melhor compreender o trabalho do professor na sala de aula. Por isso, para uma melhor compreensão do tema abordado, em primeiro momento, esse trabalho se dividiu ao buscar situar a faixa etária que a Educação Infantil atende, no que tange ao desenvolvimento da criança e à possibilidade de processos de alfabetização para esta fase.

Para tanto, foram realizadas observações nos documentos nacionais que discorrem sobre o processo de alfabetização nesta etapa e os conceitos de linguagem, onde alguns autores também colaboram com informações relevantes. Em outro momento, foi necessário relacionar a alfabetização na Educação Infantil através das práticas pedagógicas, onde a sala de aula é o palco para trabalhar o desenvolvimento da linguagem oral e escrita através de vários recursos, onde entra a compreensão da realidade da educação na Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental EMEIEF Vilmo Ornelas Sarlo, no município de Presidente Kennedy e do trabalho educacional, para, então, verificar o repertório teórico e as abordagens utilizadas pelos professores da rede no processo de alfabetização de crianças pequenas. Assim, este trabalho é amparado por Gerhardt; Silveira (2009), que conceitua a ação da pesquisa e seus tipos, ao facilitar a compreensão da metodologia de pesquisa científica e de seus princípios que, nesse caso utilizamos de uma pesquisa exploratória com abordagem qualitativa.

Os autores como Eliana Borges Correia de Albuquerque e Andrea Tereza Brito Ferreira (2020), Artur Gomes de Moraes (2016), Magda Soares (2014), Emília Ferreiro

e Ana Teberosky (1985), entre outros, discorrem sobre vários aspectos em que a Educação Infantil, ao promover experiências significativas de aprendizagem da língua, por meio de um trabalho com a linguagem oral e escrita, se constitui em possibilidades de ampliação das capacidades de desenvolvimento da leitura e escrita. Para os autores, conhecer não é apenas assimilar os conteúdos, mas também estabelecer relações, ao vincular os conteúdos com as experiências vividas pelas crianças, o que Ferreiro e Teberosky (1985) trazem em seus estudos sobre a forma como a criança cria hipóteses a respeito do sistema da escrita e que ainda é contribuição até os dias atuais.

Gadotti (2005) corrobora com esta pesquisa, no sentido de conceituar os termos Alfabetização e Letramento, de forma a deixar claro que a alfabetização não se resume ao aprendizado da técnica da leitura e escrita, mas do uso que se faz, deixa claro que o educador vai muito além de um instrutor, mas um mediador e articulador das atividades juntamente com seus educandos. Gonzalez (2004), em seus estudos, traz contribuições relevantes em relação à linguagem escrita na Educação Infantil, pois entende esta fase como um espaço de múltiplas linguagens.

Vygotsky (2007) proporciona uma ampla compreensão sobre o desenvolvimento da criança, o que contribui com esta pesquisa através de colocações importantes ao ensino da leitura e escrita, argumenta em seus experimentos, que a única forma de aproximar de uma solução correta da psicologia da escrita é compreender o desenvolvimento dos signos da criança e aborda o uso de objetos e do brincar para facilitar a assimilação. Nesse mesmo caminho, Piaget, em suas pesquisas divide o desenvolvimento cognitivo da criança em estágios. O autor aborda cada um, realiza uma relação com as formas de aprendizagens e desenvolvimento e corrobora com esta pesquisa no sentido de trazer compreensões relevantes a fim de entender como uma criança se desenvolve para ter possibilidades de potencializar as práticas educativas voltadas para a alfabetização na etapa da Educação Infantil.

Paulo Freire (1987) contribui com reflexões e traz o pensamento de educação bancária, onde essa concepção se refere ao ato de depositar e transmitir conhecimentos e valores, ao contrário do que a pesquisa traz, onde o professor é o mediador dos conhecimentos e pode proporcionar o desenvolvimento dos estudantes.

Em suma, a pesquisa se baseia nos aportes teóricos utilizados pelas/os educadoras no processo de alfabetização e introdução ao letramento na Educação

Infantil, ao buscar captar como se consolida tal processo, bem como o desenvolvimento da criança nessa etapa, ao examinar o que dizem os autores e os documentos nacionais que embasam este trabalho, estabelecendo relações com as práticas situadas na realidade do município de Presidente Kennedy, através de pesquisa de campo e, assim, traçou contribuições possíveis para este processo.

O problema da pesquisa elencado foi: como se consolida o processo de alfabetização na prática da Educação Infantil? As referências e concepções teóricas que as educadoras utilizam para a alfabetização desenvolvida com as crianças de 4 a 6 anos na Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental EMEIEF “Vilmo Ornelas Sarlo” constituem o percurso que busca a resposta para esse questionamento levantado

As hipóteses estão vinculadas ao processo de alfabetização, em vista que as práticas das educadoras para a etapa da Educação Infantil podem contribuir para uma familiarização com a linguagem escrita, o que possibilita, nos anos seguintes, uma facilidade para alfabetizá-los, por já estarem familiarizados com os elementos da alfabetização. Ainda podemos pensar na hipótese de que a criança terá predisposição para desenvolver aptidão pela leitura e escrita, por já compreender que a linguagem escrita representa, de certa forma, a falada. Porém, pode ser que as professoras alfabetizem as crianças pequenas de modo tradicional. Assim, pressupõe-se que as educadoras não seguem pressupostos teóricos de base construtiva, como salientamos neste trabalho.

O objetivo geral desta pesquisa foi compreender quais os aportes teóricos utilizados pelas/os educadoras/es no processo de alfabetização e introdução ao letramento na Educação Infantil, em específico na pré-escola, ao realizar uma relação com a realidade das práticas escolares na Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental EMEIEF “Vilmo Ornelas Sarlo”, situada no município de Presidente Kennedy.

Os objetivos específicos elencados foram:

- Compreender o processo de alfabetização na Educação Infantil e seu desenvolvimento através dos autores e orientações nos documentos nacionais da área em questão.

- Analisar o processo de alfabetização na Educação infantil na Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental EMEIEF “Vilmo Ornelas Sarlo” em Presidente Kennedy;
- Identificar nas atividades realizadas pelos professores no processo de letramento e alfabetização infantil, quais as tendências pedagógicas em suas práticas educacionais.
- Aproximar os autores da realidade das professoras, sujeitos da pesquisa, e suas práticas voltadas à alfabetização;
- Construir junto aos educadores um produto final, em formato de guia com as contribuições emergidas na pesquisa, no que tange à alfabetização na fase da pré-escola, com atividades voltadas para o trabalho de alfabetização nesta etapa.

Este trabalho se justifica pela importância de compreender quais os referenciais teóricos utilizados pelos professores com as crianças em desenvolvimento na faixa etária da Educação Infantil, busca examinar autores utilizados e metodologias trabalhadas em sala para, assim, realizar uma análise com a intenção de também rever propostas e contribuições às práticas dos professores.

Ao buscar no referencial teórico um aporte para o entendimento do processo de alfabetização e como acontece o desenvolvimento da criança, este trabalho tem o intuito de destacar a importância das práticas voltadas para a Alfabetização na Educação Infantil, dentro da realidade da Educação da Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental EMEIEF “Vilmo Ornelas Sarlo”, no município de Presidente Kennedy.

Este trabalho também se justifica pela amplitude dos conhecimentos enquanto professora da Educação Infantil, no intuito de trabalhar o desenvolvimento das crianças quanto à alfabetização, para contribuir no acesso à linguagem escrita, nesta etapa onde o lúdico permeia nas atividades através das interações e brincadeiras.

Para escrever sobre as bases teóricas utilizadas na escola pesquisada, organizamos a presente dissertação da seguinte forma: o primeiro capítulo é a introdução do estudo, onde apresentamos a trajetória pessoal e realizamos uma apresentação do trabalho como um todo. O segundo capítulo, a revisão bibliográfica sobre o tema, referencia buscas por pesquisas recentes em relação a quais as matrizes teóricas que professores e educadores utilizam para alfabetizar. Aqui foi

possível tanto ver o que tem sido utilizado na atualidade, quanto realizar algumas comparações com o que foi utilizado no final do século XX, uma vez que a Educação é um campo de conhecimento dinâmico e muitas mudanças se processam através das décadas que passam. Assim, pode-se também verificar os avanços no campo de estudo na passagem do século XX para o XXI. O terceiro capítulo trata da metodologia utilizada para realizar a pesquisa de campo. O quarto capítulo aborda sobre quais aportes teóricos os professores se apoiam para realizar os seus trabalhos, a partir do examinado nas respostas recolhidas no questionário aplicado. Quanto aos resultados, apresentamos a pesquisa de campo, onde houve uma explanação do questionário aplicado e das respectivas respostas recolhidas. O quinto capítulo está composto pelo produto educacional e, por fim, o sexto capítulo pelas considerações finais da dissertação, fechamento das ideias que foram trabalhadas.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 ALFABETIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: REVISÃO DE LITERATURA

O trabalho educacional com a etapa da Educação Infantil está abordado, aqui, através das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (BRASIL, 2013) e da Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017) que são documentos nacionais que norteiam o trabalho dos profissionais da educação, com possibilidades de compreender o que é necessário em cada etapa, pois a Educação Básica está dividida em três: Educação Infantil, que corresponde à creche e pré-escola e atende a crianças de 0 a 6 anos; o Ensino Fundamental I e II, onde o I vai do 1º ao 5º ano e o II do 6º ao 9º ano; por fim, o Ensino Médio, do 1º ao 3º ano. Esta pesquisa tem como foco a Educação Infantil, onde o cuidar e o educar são inerentes à faixa etária das crianças atendidas, mais especificamente a pré-escola, com crianças de 04 a 05 anos.

A Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017), em conformidade com as Diretrizes (BRASIL 2013), tem como eixos estruturantes as interações e as brincadeiras, no que tange às práticas pedagógicas para a Educação Infantil. Os direitos de aprendizagem previstos pela Base são os de conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se. É norteado por esses direitos que este documento traça os campos de experiências que “constituem um arranjo curricular que acolhe as situações e as experiências concretas da vida cotidiana das crianças e seus saberes, entrelaça aos conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural” e ainda os associa às experiências das crianças (BRASIL, 2017, p. 40)

É importante ressaltarmos que, em relação à alfabetização na Educação Infantil, a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017) é o documento que direciona a educação na atualidade. Ele traz, em alguns objetivos de aprendizagem e desenvolvimento, situações que podem ser articuladas nas atividades planejadas, que permitam às crianças terem acesso ao mundo da leitura e da escrita e até de gêneros textuais, de forma lúdica e dinâmica, através de contação de histórias, da folheação de livros, dos registros por meio de diversas linguagens, entre outros.

Nesse sentido, Morais (2016) aborda o trabalho com a linguagem escrita como importante acontecimento na fase da Educação Infantil, em consonância com Ferrero e Teberosky (1985), as quais mencionam que a escrita pode estar sempre presente

nos momentos de aprendizagem proporcionados às crianças, por possibilitar conhecimentos relacionados à escrita que serão utilizados nos anos iniciais do Ensino Fundamental, nos processos de alfabetização, o que para os autores, permite que o trabalho lúdico seja uma ferramenta para que as crianças da Educação Infantil tenham acesso à familiarização com a escrita.

O processo de alfabetização é deveras complexo por envolver uma síntese de conteúdos interdisciplinares, ensinados por etapas. O ato de aprender a ler conduz os indivíduos ao mundo dos símbolos codificados e, ao longo da história, temos a documentação e a propagação da construção de diferentes métodos que promoveram e promovem o acesso de indivíduos ao universo da alfabetização e do letramento, da escrita, da leitura, interpretação de textos e produção de sentidos. Segundo Soares (2014),

Alfabetizar e letrar são duas ações distintas, mas não inseparáveis, ao contrário: o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja: ensinar a ler e escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que o indivíduo se tornasse, ao mesmo tempo, alfabetizado e letrado (SOARES, 2014, p. 47).

O letramento é a capacidade de uma pessoa de fazer uso dos símbolos escritos para produzir sentidos. Segundo Maciel (2014)

Letramento designa, por fim, não somente o estado ou condição daqueles que adquiriram as competências do ler e do escrever, mas, sobretudo, as condições daqueles que dessas competências se utilizam de fato, em práticas de leitura e de escrita, participando de eventos e relações sociais organizados em maior ou menor grau com base nessa tecnologia de informação (MACIEL 2014, p. 120).

No sentido do que foi apontado pelas autoras, com as devidas distinções entre alfabetização e letramento, partimos aqui da premissa de que é importante que a criança alfabetizada também seja letrada. Um dos maiores problemas que temos hoje em nosso país, além do analfabetismo propriamente, é o analfabetismo funcional. Conforme os dados da plataforma todos pela educação, pela quarta vez consecutiva, em 2018, o Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional (INAF) mostrou que cerca de 30% dos brasileiros entre 15 e 64 anos são analfabetos funcionais. Tendo em vista que esse é um alto índice, é preciso compreender quais são as nossas diretrizes para a alfabetização e letramento e o que é feito para corrigir o INAF ainda na Educação Infantil. Neste estudo, focalizamos a faixa etária de 4 a 5 anos e os primeiros contatos com o mundo das letras.

2.2 PRIMEIROS CONTATOS DA CRIANÇA COM A LINGUAGEM ESCRITA

O processo de alfabetização e letramento, na infância, precisa considerar as especificidades desta etapa da vida de um indivíduo. A alfabetização em um programa como EJA, por exemplo, será completamente diferente e atenderá demandas específicas de adultos. Ao considerar a criança e a infância, sabemos que o ato de brincar e a brincadeira são premissas básicas para compreender essa etapa de vida. Inclusive para atuar como docente é necessário se aprofundar nas questões relativas ao lúdico e às brincadeiras, a fim de compreender a etapa infância e como melhor servir, enquanto pessoa mediadora. Segundo Vygotsky (2007), a criança procura suprir seus desejos por meio do ato de brincar. É através do lúdico que a criança se permite o descobrir a si mesma e ao mundo. É também através dele que as crianças criam seus mundos imagéticos e que reproduzem no âmbito real e social. Lopes nos diz:

Brincar é uma das atividades fundamentais para o desenvolvimento da identidade e da autonomia. O fato de a criança, desde muito cedo poder se comunicar por gestos, sons e mais tarde, representar determinado papel na brincadeira, faz com que ela desenvolva sua imaginação. Nas brincadeiras, as crianças podem desenvolver algumas capacidades importantes, tais como a atenção, a imitação, a memória, a imaginação. Amadurecem também algumas capacidades de socialização, por meio da interação, da utilização e da experimentação de regras e papéis sociais (LOPES, 2006, p.110)

É no brincar que a criança constrói espaços de experimentação, de absorção, expressão e de transição entre o mundo interno e o externo. Portanto, o processo lúdico é fundamental no trabalho psicopedagógico. Ao considerar que a brincadeira e a aprendizagem, através do lúdico, são pilares para um bom desempenho da criança, o uso da ludicidade e de brincadeiras para conseguir transmitir os primeiros passos da escrita, do letramento, da compreensão textual tornam-se necessários. Segundo Costa (2019), "o uso do lúdico em sala de aula visa à aquisição de oportunidades para que os alunos atuem como sujeito na construção do próprio conhecimento quer seja matemático, de raciocínio, de escrita e etc." (COSTA, 2019, p. 826).

No entanto, segundo a autora

O brincar está perdendo espaço cada vez mais para a "alfabetização", mas um não exclui outro, é necessário compreender que o brincar facilita a alfabetização e utilizar o lúdico nas aulas não é perda de tempo, os profissionais da educação, precisam entender que a criança não é um adulto em miniatura (COSTA, 2019, p. 826).

No mesmo sentido que afirma Silva (2017), observamos que através do lúdico e dos jogos de alfabetização alcançamos um suporte para o processo de ensino-aprendizagem. Silva (2017) aponta que "ensinar os alunos a aprender brincando, aprender a ler a escrever, pois hoje a modalidade predominante na sociedade é a leitura e a escrita, através dela a criança se faz pessoa, cidadão construtor de seus pensamentos e opiniões" (SILVA 2017, p. 12). A alfabetização e o letramento, em união com a ludicidade, podem, inclusive, acender na criança o gosto pela literatura, pela arte e pela poesia porque auxiliam na apreensão de conhecimentos de forma mais prazerosa e divertida. Quando está a participar de alguma uma atividade lúdica que lhe desperta presença, interesse e vontade, a criança não se sente pressionada em aprender. Ela apenas está ali no momento presente e absorve conhecimentos que são transmitidos por todos, tanto pela professora quanto por todos os colegas presentes. Os momentos de espontaneidade e diversão propiciam a abertura do corpo para o aprendizado e para a partilha. Assim, a criança compartilha o que sabe e aprende o que outra criança sabe.

É por meio da ludicidade, como sustentado por Santos (2019), que

[...] podemos devolver à criança a liberdade de brincar e de ser criativa. No brincar, a criança foge dos tributos da eficácia, do formal e arrisca-se na escolha de outros caminhos, como, por exemplo, permitir que o medo de errar seja substituído pelo prazer e pela alegria de criar (SANTOS, 2019, p. 806).

É importante entendermos que desde que a criança nasce e interage com o mundo ao seu redor, o processo de formação deste indivíduo já ocorre. Na escola, trabalhamos com conteúdos fixados, mas a formação é um processo vital e contínuo. Moll (1996), por exemplo, destaca em seus discursos que a alfabetização e o letramento não iniciam apenas com a entrada da criança na escola, mas sim por meio das diferentes interações dela com o mundo externo que terá a sua influência nesse processo. Assim, Moll afirma:

[...] a alfabetização é um processo que se inicia muito antes da entrada na escola, nas leituras que o sujeito faz do mundo que o rodeia, através das diferentes formas de interação que estabelece. Se a língua escrita constituísse "objeto" de uso social no seu contexto, os atos de leitura e escrita com os quais interage podem levá-lo à elaboração de estruturas de pensamento que lhe permitam compreendê-la e paulatinamente apropriar-se dela. Quando chega à escola, o sujeito vai estar em algum momento desse processo de compreensão. Assim, se vier de um ambiente social alfabetizado, já terá certamente pensado sobre este objeto de conhecimento. Contudo, se vier de um ambiente analfabeto, ignora-o e precisa fazer na

escola o caminho que o outro vem fazendo desde o nascimento (MOLL, 1996, p. 70).

A BNCC - Base Nacional Comum Curricular é o norteador das práticas educacionais no Brasil e traz a estrutura de como se deve proceder para a estruturação desta. No que se refere à Educação Infantil e pré-escola em relação à alfabetização e letramento, temos o seguinte:

Na Educação Infantil, as aprendizagens essenciais compreendem tanto comportamentos, habilidades e conhecimentos quanto vivências que promovem aprendizagem e desenvolvimento nos diversos campos de experiências, sempre tomando as interações e a brincadeira como eixos estruturantes. Essas aprendizagens, portanto, constituem-se como objetivos de aprendizagem e desenvolvimento (BRASIL, 2017, p. 32).

Nesta passagem fica evidente que, para essa faixa etária, é necessário trabalhar o desenvolvimento, ensino e aprendizagem com interações, brincadeiras e o lúdico como base. No campo de experiências descrito "Escuta, fala, pensamento e imaginação" (BRASIL, 2017, p. 49) temos algumas indicações sobre as práticas de introdução à alfabetização e ao letramento que devem ser aplicadas de acordo com a faixa etária. Aqui destacamos a parte que direciona os objetivos contidos na tabela referente à das crianças pequenas (4 a 5 anos e 11 meses):

- 1) (EI03EF01) Expressar ideias, desejos e sentimentos sobre suas vivências, por meio da linguagem oral e escrita (escrita espontânea), de fotos, desenhos e outras formas de expressão.
- 2) (EI03EF02) Inventar brincadeiras cantadas, poemas e canções, criando rimas, aliterações e ritmos.
- 3) (EI03EF03) Escolher e folhear livros, procurando orientar-se por temas e ilustrações e tentando identificar palavras conhecidas.
- 4) (EI03EF04) Recontar histórias ouvidas e planejar coletivamente roteiros de vídeos e de encenações, definindo os contextos, os personagens, a estrutura da história.
- 5) (EI03EF05) Recontar histórias ouvidas para produção de reconto escrito, tendo o professor como escriba.
- 6) (EI03EF06) Produzir suas próprias histórias orais e escritas (escrita espontânea), em situações com função social significativa.
- 7) (EI03EF07) Levantar hipóteses sobre gêneros textuais veiculados em portadores conhecidos, recorrendo a estratégias de observação gráfica e/ou de leitura.
- 8) (EI03EF08) Selecionar livros e textos de gêneros conhecidos para a leitura de um adulto e/ou para sua própria leitura (partindo de seu repertório sobre esses textos, como a recuperação pela memória, pela leitura das ilustrações etc.).
- 9) (EI03EF09) Levantar hipóteses em relação à linguagem escrita, realizando registros de palavras e textos, por meio de escrita espontânea
- 10) (BRASIL, 2017, p. 49. 50).

Com este trecho extraído da BNCC, podemos perceber que a introdução ao mundo da literatura, dos símbolos-letas, das histórias orais e escritas, das hipóteses em relação à escrita, da confecção e interpretação de histórias através de desenhos, fotos e outras formas de expressão, etc., já configuram uma iniciação também ao letramento. Gontijo (2018) pontua que

A ideia não é ensinar as crianças a ler na Educação Infantil e sim apresentá-la à escrita para que quando elas forem alfabetizadas tudo isso já seja comum para elas e o processo de ensinar a ler e escrever se torne mais fácil, pois não é algo desconhecido para elas. É importante que o adulto (professor e/ou responsável) desde cedo ao contar uma história para as crianças ir mostrando as ilustrações e fazer perguntas durante a história para fixar e ajudar as crianças a entenderem o que estão ouvindo e depois da contagem da história perguntar às crianças sobre o quê é a história, o que as crianças entenderam e pedir para elas recontarem o que foi contado (GONTIJO, 2018, p. 12).

Em um raciocínio similar ao de Gontijo (2018), Rojo (p.124, 1998) afirma que é no processo de faz de conta que a criança aprende a ler e a escrever. Quando ela começa a ler uma história, um conto, um poema, ao ver os desenhos na folha, pode, naquele momento, ainda não saber decodificar e traduzir quais palavras estão escritas nas páginas. No entanto, ela compreende que tem letras naquela história e que estas contam a história que ela lê. Ângela B. Kleiman (1998) afirma:

O letramento está também presente na oralidade, uma vez que, em sociedades tecnológicas como a nossa, o impacto da escrita é de largo alcance: uma atividade que envolve apenas a modalidade oral, como escutar notícias de rádio, é um evento de letramento, pois, o texto ouvido tem as marcas de planejamento e a lexicalização típicas da modalidade escrita (KLEIMAN, 1998, p.181)

No entendimento de Soares (2012), “[...] um indivíduo alfabetizado não é necessariamente um indivíduo letrado”. E acrescenta que “[...] alfabetizado é aquele indivíduo que sabe ler e escrever; já o indivíduo letrado, o indivíduo que vive em estado de letramento, é não só aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que usa socialmente a leitura e a escrita [...]” (SOARES 2012, p. 39-40). Portanto, segundo as etapas analisadas na BNCC, podemos afirmar que o processo de letramento começa antes da alfabetização, pois entende a esta última como um processo de codificação e decodificação de símbolos comuns ao português. Quando uma criança consegue interpretar e criar roteiros, poemas, histórias, levantar hipóteses, transmitir, ainda que peça à professora ou ao professor que seja seu escriba, é a prática do letramento que já está acontecendo, que prepara positivamente a criança para a etapa da

alfabetização, na qual ela mesma vai começar a movimentar, sozinha, os códigos e a ganhar sua autonomia. Gontijo (2018) diz que

Se uma professora de Educação Infantil tem o costume de contar histórias mostrando as imagens no livro para seus alunos, no dia que ela levar estes alunos para biblioteca e apresentar a eles esses livros, eles se lembrarão da história contada pela professora, farão leitura de imagens e contarão a história talvez da mesma forma que a professora contou ou usará sua imaginação e criará outra história. Chamamos esse processo de letramento. Pois estão colocando em prática o processo de leitura (GONTIJO, 2018, p. 13).

A autora afirma também que quando a criança não tem a base para ingressar no processo de alfabetização, é provável que venha a ter dificuldades em aprender os processos de codificação e decodificação da linguagem escrita. Talvez precise de apoio, de um reforço escolar. Por isso é tão importante que a criança tenha contato com as letras, as histórias, que tenha uma introdução à alfabetização através do letramento de forma adequada, pois contemplam as facilidades e os limites de cada fase/idade. Nesse sentido, quando a criança já tem esse alicerce, quando ela, desde cedo, esteve em contato com o mundo das histórias, das letras, quando foi apresentada de forma lúdica a esse universo, é muito provável que se desenvolva com mais facilidade, pois já conhece as palavras, os sons, já é familiar ouvir histórias e ler as ilustrações, relembrar o que lhe contaram ou até mesmo inventar novos sentidos e significados. “No entanto, infere-se, de tudo que foi dito, que o nível de letramento de grupos sociais relaciona-se fundamentalmente com suas condições sociais, culturais e econômicas. É preciso que haja, pois, condições para o letramento” (SOARES, 2006, p.22).

A falta de acesso a ambientes que estimulem a leitura, a inexistência dessas práticas em ambiente familiar, também podem dificultar o processo, pois aí a criança carece de referências para fazer suas pontes.

É nesse sentido que avaliamos como fundamental analisar o processo de alfabetização na Educação Infantil em Presidente Kennedy, entender como tem sido o processo, a partir de quais aportes teóricos os professores se apoiam para desenvolver suas atividades com as crianças, como tem sido os processos de acolhimento com os alunos.

No diálogo com Moll (1996), Emília Ferrero e Ana Teberosky são referências em vários estudos diante de seus experimentos relacionados à alfabetização que deixaram marcas na Educação brasileira, portanto trazem colaborações pertinentes à

essa pesquisa, ao realizar apontamentos sobre a leitura e a escrita e corroboram com a ideia de que as crianças organizam conhecimentos de leitura e escrita que provêm de conhecimentos prévios.

Ao aprofundar na compreensão do desenvolvimento da criança, Vygotsky traz, em sua teoria, o processo de aprendizagem, descrito por Marta Khol de Oliveira (1997), que apresenta os estudos desse teórico, com base na zona de desenvolvimento proximal, que é uma abordagem sobre a aprendizagem humana, onde Vygotsky explica que há coisas que o ser humano já sabe, coisas que pode aprender com ajuda de outros e coisas que ainda não pode aprender. Ou seja: as coisas que se pode aprender estão dentro da zona de desenvolvimento proximal, já o que não pode aprender estão fora, mas que podem entrar, quando alguma aprendizagem se torna real, que se aglutina ao que ela já sabe. Nesse sentido, o papel do professor é ser um mediador, que auxilia as crianças a aprenderem e se desenvolverem, pois, como instigador, pode trazer instrumentos que possibilitam à criança o uso de seus próprios conhecimentos para produzir novos saberes.

As abordagens de Piaget (2005) em "*Seis Estudos de Psicologia*" apresentam suas teorias com relação ao desenvolvimento mental da criança do nascimento até a fase da adolescência, com análises sobre certos problemas centrais como o do pensamento, da linguagem e da afetividade da criança. O autor apresenta uma visão ampla de mudanças e transformações, além de formas de estímulos relativas ao desenvolvimento, que colabora assim com a melhoria das práticas educativas, ao interpretar os mecanismos mentais da criança por faixa etária e suas percepções de mundo.

2.3 VYGOTSKY E A TEORIA DO DESENVOLVIMENTO

O método de Vygotsky é chamado de "genética", porque enfatiza o processo estruturado do desenvolvimento humano, apenas mostrou uma explicação do caminho psicológico humano (OLIVEIRA, 1997, p. 56).

Para o autor, o que a criança necessita é adquirir novos conceitos, nesse sentido o autor mostra que ao conhecer uma palavra nova, quando a ouve ou lê em um contexto que ela compreenda, ao perceber a mesma palavra em outro texto ou frase, ela começa a associar o novo conceito que aprendeu (VYGOTSKY 1947, p. 84).

Ele defende que o professor não deve sobrecarregar a criança de conceitos e que esses geram o interesse quando estão contextualizados com a realidade e o mundo em que ela vive (VYGOTSKY 1947, p. 85).

Vygotsky prioriza o processo de aprendizagem e acredita que desde o nascimento da criança, a aprendizagem está em desenvolvimento. Uma das formas de desenvolvimento natural do indivíduo faz parte do seu processo de maturação, mas o aprendizado é realizado em outro nível, o que proporciona ao indivíduo um despertar do processo de desenvolvimento interno, exceto o benéfico e o cultural (OLIVEIRA, 1997, p. 58).

Mas também menciona que, em alguns casos, o desenvolvimento não é possível, como por exemplo, quando uma pessoa isolada em um meio cultural que não tem acesso à escrita, não será alfabetizado por não ter o contato com a linguagem escrita. É preciso compreendermos que a aprendizagem possibilita o desenvolvimento de processos internos e vincula o desenvolvimento de uma pessoa ao seu meio social e cultural, portanto. Acreditamos, ainda, na existência de dois níveis de desenvolvimento, o real e o potencial, onde são utilizados por Vygotsky, para estabelecer a "zona de desenvolvimento proximal" (OLIVEIRA, 1997, p. 60).

Segundo a autora, essa análise do desenvolvimento pessoal é realizada por meio da visualização das atividades de vida diária. Nesse caso, o pesquisador avaliou as atividades que considerou importantes para o estudo do desenvolvimento infantil e analisou as tarefas que as crianças podem realizar. É possível observar as atividades que ela já realiza internamente, ou seja, as atividades que realiza sem a ajuda de um adulto. O segundo ponto da teoria é a interação social, pois o desenvolvimento psicológico humano ocorre no relacionamento com outra pessoa. Portanto, a observação desses dois pontos desempenhou um papel decisivo na conceituação da zona de desenvolvimento proximal de Vygotsky (OLIVEIRA, 1997):

A zona de desenvolvimento proximal refere-se, assim, ao caminho que o indivíduo vai percorrer para desenvolver funções que estão em processo de amadurecimento e que se tornaram funções consolidadas, estabelecida no nível de desenvolvimento real. A zona de desenvolvimento proximal é, pois, um domínio psicológico em constante transformação: aquilo que uma criança é capaz de fazer com ajuda de alguém hoje, ela conseguirá fazer sozinha amanhã. É como se o processo de desenvolvimento progredisse mais lentamente que o processo de aprendizado; o aprendizado desperta processo de desenvolvimento que, aos poucos, vão tornar-se partes das funções psicológicas consolidadas do indivíduo (OLIVEIRA, 1997, p 60).

Outro aspecto importante da teoria de Vygotsky, apontado por Oliveira, é o papel da intervenção docente. É importante notarmos que na zona de desenvolvimento proximal, a intervenção de terceiros é a mais eficaz. Devemos notar que os processos que foram internalizados não requerem esta intervenção, mas os processos que ainda não foram iniciados a requerem, pois “é na zona de desenvolvimento proximal que a interferência de outros indivíduos é a mais transformadora” (OLIVEIRA, 1997, p. 61). Assim para Vygotsky,

Se o aprendizado impulsiona o desenvolvimento, então a escola tem um papel essencial na construção do ser psicológico adulto dos indivíduos que vivem em sociedades escolarizadas. Para criança que frequenta a escola, o aprendizado escolar é o elemento central de seu desenvolvimento, o processo ensino-aprendizado na escola deve ser construído, então, tomando como ponto de partida o nível de desenvolvimento real da criança, num dado momento e com relação a um determinado conteúdo a ser desenvolvido (OLIVEIRA, 1997, p. 62).

Os brinquedos ancoram um papel importante no crescimento das crianças, principalmente os jogos "hipotéticos", pois elas desempenham papéis e estabelecem sua própria realidade a partir dos brinquedos. Por exemplo, quando uma criança brinca com tijolos de madeira e imagina que se tornará um carro, esse comportamento "dá um passo importante na estrada, que lhe permitirá, como adulto, se livrar completamente dos incômodos de situações específicas", aponta o autor. Portanto, seja na situação imaginária ou nas regras do jogo, a criança criará uma zona de desenvolvimento proximal. Com os brinquedos, as crianças aprendem a separar os objetos do significado e se encontram em uma situação mais desenvolvida do que as atividades normais da vida real (OLIVEIRA, 1997, p. 65-67).

No desenvolvimento da escrita, o autor acredita que, para Vygotsky, escrever significa obter a realidade simbólica, o que auxilia no desenvolvimento dos gestos, da pintura e do jogo simbólico (OLIVEIRA, 1997, p. 68). Oliveira cita Vygotsky e afirma que “desenhar e brincar deveriam ser estágios preparatórios para o desenvolvimento da linguagem escrita das crianças”. Para o pesquisador, a principal condição necessária para que uma criança seja capaz de compreender como funciona a língua escrita é ao descobrir que ela é um sistema de signos e que serve como um suporte para a memória e para transmitir as ideias (OLIVEIRA, 1997, p. 68-72,).

Por fim, a autora aponta o último ponto da teoria de Vygotsky: percepção, atenção e memória. Em relação à percepção, à medida que os conceitos desenvolvidos pela cultura, linguagem e símbolos são internalizados, a mediação

deixa de ter uma conexão direta, mas passa a ter uma conexão indireta, pois ao perceber as coisas, faz ligação com outras que já conhece para interpretar (OLIVEIRA, 1997, p. 74).

Assim como na percepção, a atenção é gradativamente afetada pelo processo de controle. Com o desenvolvimento da natureza, os indivíduos podem andar de bicicleta sem natureza e sem vontade, e começar a prestar atenção aos elementos ambientais que consideram importantes (OLIVEIRA 1997, p. 75). A criança também pode se desconectar de outros elementos do ambiente e se concentrar apenas no carrinho que deseja brincar. O último elemento da teoria de Vygotsky: a memória é dividida em dois aspectos: 1) Memória inata; 2) Memória mediada (OLIVEIRA, 1997, p. 76).

Em relação à memória inata, Vygotsky acredita que este é o aspecto básico do indivíduo, ele pode se lembrar de coisas ou processos sem nenhum estímulo externo. Este é o aspecto básico da memória.

Quanto à memória mediada, Vygotsky acrescentou que se refere ao armazenamento de informações para uso posterior e suas características são baseadas nos elementos externos que os indivíduos suportam para lembrar certas coisas (como corrigir certos comportamentos). Os elementos externos incluem: calendário, calendário, lista, etc. (OLIVEIRA, 1997, p. 77).

O que movimenta os processos de desenvolvimento do ser humano são os mecanismos de aprendizagens. No entendimento de Vygotsky, o ambiente cultural faz parte de sua constituição enquanto pessoa, por fornecer, de forma mediada, instrumentos para o aprendizado.

2.4 PIAGET E O DESENVOLVIMENTO DAS CRIANÇAS

Para Piaget (2005), três consequências essenciais definem o desenvolvimento mental das crianças: a primeira se refere ao início da socialização da ação - a consequência mais evidente do aparecimento da linguagem com a descoberta, a revelação do pensamento, os contatos, a relação de troca e a espontaneidade; depois vem a interiorização da palavra – pois logo se faz uso dela e a linguagem é que conduz os conceitos e noções que pertencem a todos e estimulam o pensamento individual; por último a interiorização puramente perceptiva e motora - interioriza percepções e

movimentos sob forma de experiências mentais, é dessa forma que o autor afirma que a construção do ser humano é um processo que acontece ao longo da vida das crianças (PIAGET, 2005).

Baseado em suas observações, Piaget (2005) descreve os estágios de desenvolvimento da criança, onde cada um é constituído de estruturas que o definem. São eles: Sensório-motor, Pré-operatório, Operatório concreto e Operatório formal.

Sensório-motor (24 meses): Esse estágio vai do nascimento até aproximadamente os dois anos de idade, onde a criança ainda bebê, tenta adquirir controle motor e aprender sobre o meio e as coisas que a cercam, através das informações sensoriais, pois domina cada vez mais o ambiente onde vive, as novas habilidades de sentar, andar, etc. momento em que aparece a inteligência, antes mesmo da linguagem, onde o movimento do corpo e a manipulação dos objetos substituem a fala, como percepção nesse momento da motricidade (PIAGET, 2005, p. 19).

Pré-operatório (2 a 7 anos): momento em que a linguagem aparece e coincide com a fase pré-escolar, vai, em média, dos dois até os sete anos, que segundo Piaget acontece modificações gerais da conduta que é a socialização, o pensamento e a intuição. Segundo o autor,

Daí resultam três consequências essenciais para o desenvolvimento mental: uma possível troca entre os indivíduos, ou seja o início da socialização da ação; uma interiorização da palavra, isto é, aparição do pensamento propriamente dito, que tem como base a linguagem interior e o sistema de signos, e, finalmente, uma interiorização da ação como tal, que, puramente perceptiva e motora que que era até então, pode daí diante se reconstituir no plano intuitivo das imagens e das “experiências mentais” (PIAGET, 2005, p. 24).

Para Piaget, a socialização se refere à troca e a comunicação entre os indivíduos, principalmente, com o aparecimento da linguagem. O pensamento, primeiro, se dá por assimilação e depois se adapta aos outros e a realidade se prepara para o pensamento lógico. Nesse momento, o lúdico entra em ação e completa a realidade através da ficção. Começam os porquês a criança faz diversas perguntas, para satisfazer o seu ego e resolver seus conflitos. Já a intuição é vista pelo autor como esquemas perceptivos interiorizados como representações. “São imagens ou imitações da realidade, há meio caminho entre a experiência afetiva e a experiência mental, não se constituindo ainda em operações lógicas passíveis de serem generalizadas e combinadas entre si” (PIAGET 2005, p. 24-37). Assim, faltará a essas

intuições, para se tornarem operatórias e se transformar, apenas prolongar a ação que já conhece ou experimentou. As mudanças e transformações que ocorrem, devido ao início da socialização e a constituição do pensamento, promovem repercussões na vida afetiva da criança.

O interesse é o prolongamento das necessidades. É a relação entre um objeto e uma necessidade, pois um objeto torna-se interessante na medida em que corresponde a uma necessidade assim sendo o interesse é a orientação própria a todo ato de assimilação mental. [...]. Os escolares alcançam rendimento infinitamente melhor quando se apela para seus interesses e quando os conhecimentos propostos correspondem às suas necessidades (PIAGET, 2005, p. 37).

Operatório formal (12 anos em diante): momento da fase da adolescência, onde começa o raciocínio lógico e sistemático, com modificações decisivas no desenvolvimento mental.

Em cada um dos aspectos complexos da vida psíquica, quer se trate da inteligência ou da vida afetiva, das relações sociais ou da atividade propriamente individual, observa-se o aparecimento de formas de organizações novas, que completam as construções esboçadas no decorrer do período precedente, assegurando-lhes um equilíbrio mais estável e que também inauguram uma série ininterrupta de novas construções (PIAGET, 2005, p. 40).

Nesse estágio, Piaget destaca as ações e a vida social coletiva, passa a criar hipóteses, ao explicar e resolver problemas, nesta importante etapa, que servirá de base para o pensamento científico. Para ele, “a tendência mais profunda de toda atividade humana é a marcha para o equilíbrio” (PIAGET 2005, p. 65).

2.5 FERREIRO, TEBEROSKY E A ALFABETIZAÇÃO

Ferreiro e Teberosky (1985) ainda argumentam que ao entrar em contato com os sistemas de escrita, “a criança, através de processos mentais, praticamente reinventa esses sistemas, realizando um trabalho concomitante de compreensão da construção e de suas regras de produção/decodificação”. As autoras referendadas por Leão e Oliveira (2018) tratam sobre o conceito de alfabetização:

Emília Ferreiro revolucionou o conceito de alfabetização por meio de pesquisas e investigações realizadas juntamente com Ana Teberosky, sobre o processo de aquisição da língua escrita na criança à luz da epistemologia psicogenética de Jean Piaget que resultou na obra intitulada Psicogênese da Língua escrita que tornou-se referência teórica relacionada à alfabetização para a década de 80. Revelando o modo com que a criança constrói

diferentes hipóteses sobre o sistema de escrita, antes mesmo de chegar a compreender o sistema alfabético (LEÃO; OLIVEIRA 2018, p. 02).

São contribuições que norteiam este trabalho por permitir compreender a forma como a criança constrói suas hipóteses sobre o sistema da escrita. Albuquerque e Ferreira (2020) discutem a apropriação da escrita alfabética na Educação Infantil como forma de ampliar o repertório de experiências das crianças, destacam a importância do gosto pela leitura através da literatura infantil, em conformidade com a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL 2017), que diz que a criança começa a se familiarizar com uma diversidade de textos ao observar o que circula no seu ambiente familiar.

Gadotti (2005) aborda sobre a importância do letramento, que traz ao conceito de alfabetização um significado com maior abrangência, onde não só aprender a ler e escrever é suficiente, mas sobre o uso que se faz da leitura e escrita. Com relação à alfabetização, o autor diz que tem um significado mais abrangente do que apenas dominar o código escrito, mas de ter a leitura de mundo, onde para Gadotti (2005), inclui o termo letramento que conceitua com uma forma de opor ao tradicionalismo na educação, que se referem às práticas sociais que envolvem a leitura e escrita. O autor aborda esses conhecimentos baseado no filósofo Paulo Freire, (1991), que “defendia a ideia de que a leitura de mundo precede à leitura da palavra, fundamentando-se na antropologia: o ser humano, muito antes de inventar códigos linguísticos, já lia o seu mundo” (FREIRE, 1991).

Freire aborda sobre o pensamento de educação bancária, onde essa concepção se refere ao ato de depositar e transmitir conhecimentos e valores, ao contrário do que a pesquisa traz, onde o professor é o mediador dos conhecimentos e pode proporcionar o desenvolvimento dos estudantes. O autor aborda que a escola é um espaço transformador, onde a educação deve ser libertadora, pois o educador pode auxiliar o ensino através do diálogo. Para Freire, “os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo. Mediatizados pelos objetos cognoscíveis que, na prática “bancária”, são possuídos pelo educador que os descreve ou os deposita nos educandos passivos” (FREIRE, 1987, p. 68).

Os documentos nacionais deixam claro que é preciso o educador aprender a utilizar as formas de apreensão de vários conhecimentos, entre eles a linguagem oral e escrita, pois o professor, dentro do processo de ensino-aprendizagem, é agente

facilitador e promotor de mudanças, dentre as quais se destaca a aquisição da linguagem escrita.

Desde cedo, a criança manifesta curiosidade com relação à cultura escrita: ao ouvir e acompanhar a leitura de textos, ao observar os muitos textos que circulam no contexto familiar, comunitário e escolar, ela vai construindo sua concepção de língua escrita, reconhecendo diferentes usos sociais da escrita, dos gêneros, suportes e portadores. Na Educação Infantil, a imersão na cultura escrita deve partir do que as crianças conhecem e das curiosidades que deixam transparecer. As experiências com a literatura infantil, propostas pelo educador, mediador entre os textos e as crianças, contribuem para o desenvolvimento do gosto pela leitura, do estímulo à imaginação e da ampliação do conhecimento de mundo (BRASIL, 2017, p. 42).

Assim, é importante levar em conta algumas considerações acerca das crianças e proporcionar a escuta e conversação, onde através da interação e do brincar, conforme mencionam as Diretrizes, é possível aprender, principalmente através da mediação do professor. Gonzalez (2004, p. 33), em um estudo sistemático em relação à linguagem escrita na Educação Infantil diz que “mesmo que a linguagem escrita se constitua num campo vasto de discussões e ressignificações no campo da educação em geral, é imprescindível identificar que papel tem assumido na educação infantil”.

Para compreender como a criança aprende a linguagem escrita, é necessário conhecer sua forma de desenvolvimento, que é abordado por Vygotsky (2007), que também abrange o ensino da leitura e escrita e diz o seguinte:

Afirma-se que seria bom que se iniciasse o ensino de leitura, escrita e aritmética numa faixa etária específica. Só recentemente, entretanto, tem-se atentado para o fato de que não podemos limitar-nos meramente à determinação de níveis de desenvolvimento, se o que queremos é descobrir as relações reais entre o processo de desenvolvimento e a capacidade de aprendizado (VYGOTSKY, 2007, p. 25).

Para o autor, “a linguagem escrita é uma função linguística distinta, que difere da linguagem oral tanto pela sua estrutura como pela sua função”, e descreve esse processo de aprendizado com uma rica abordagem diante de seus estudos, que possibilita compreender a criança e sua relação com o mundo, assim como formas possíveis de estímulos para o aprendizado. Nesse sentido, Magda Soares (2014) aborda os conceitos de alfabetizar e letrar onde diz que:

Alfabetizar e letrar são duas ações distintas, mas não inseparáveis, ao contrário: o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja: ensinar a ler e escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que o

individuo se tornasse, ao mesmo tempo, alfabetizado e letrado (SOARES, 2014, p. 47).

Soares (2014) instiga a pensar na alfabetização e letramento que permeiam as práticas pedagógicas e argumenta que não há necessidade de separação dos dois processos, pois podem e devem andar paralelamente.

A riqueza de se adentrar num universo tão pouco conhecido, nos amplia os horizontes e revela-nos o quanto, como profissionais da educação, que muitos de nós somos, ainda temos a aprender nas diversas e inusitadas situações que os alunos podem nos proporcionar.

O objetivo desta pesquisa é procurar trazer à luz da Educação Infantil, o tema do processo de alfabetização, de aprendizagem da linguagem escrita e oral da criança na fase da pré-escola, como forma de aperfeiçoamento desse complexo processo, que se fundamenta não apenas nas metodologias e teorias existentes nos pensamentos voltados à Educação Infantil, mas também na relação de afetividade e transmissão de afeto oriundos da família e da relação entre professor-aluno.

Ferreiro (1985) ressalta que é necessário pensar na alfabetização como uma aquisição de código, pois a escrita é uma forma de transcrição da oralidade. Compreendemos, então, que a aprendizagem é a aquisição de uma técnica. Dessa maneira, basta que o alfabetizando consiga decodificar os sinais gráficos, para que então seja considerado um leitor.

Para Ferreiro e Teberosky, a linguagem escrita deve ser entendida como um sistema de representação da linguagem, ao contrário daquele em que ela é tratada como a codificação de uma linguagem. Consequentemente, opõe-se ao conceito de letramento, entendido como o aprendizado de duas técnicas distintas (codificação e decodificação da linguagem escrita) em que o professor é o único informante autorizado (CESCA, 2003).

Ferreiro (2001) relata que nenhuma criança chega à escola e ignora completamente a linguagem escrita. Os alunos não aprendem porque podem ver e ouvir sons, ou porque têm lápis e papel à sua disposição, mas porque trabalham cognitivamente com o que o ambiente oferece.

No momento em que Ferreiro e Teberosky investigam a respeito da leitura e escrita, demonstram de qual forma as crianças desenvolvem diversas hipóteses, lógicas e curiosas, pois realizam uma comparação da escrita apresentadas, pelas mesmas, antes de estarem alfabetizadas. Elas vão de ideias muito primitivas

baseadas na ignorância da relação entre fala e escrita a ideias surpreendentes sobre como seria essa relação (CESCA, 2003).

O nível 1 e 2, conhecidos como hipótese pré-silábica, determinam-se por algumas características próprias, como: quando a criança entende que a escrita representa o objeto que se refere; quando escreve 1 letra para cada palavra, ou quando escreve sem ter controle da quantidade de letras, quando só considera que sua escrita terminou ao chegar no limite do papel, quando não faz relação sobre a fala e a escrita, “[...] a criança não compreendeu a relação entre o registro gráfico e o aspecto sonoro da fala” (AZENHA, 1995, p. 62).

Nível 1 - escrita indiferenciada - a criança utiliza de garatujas e também grafismos, separados, tenta imitar a letra que se baseia, “escrever é reproduzir os traços típicos da escrita que a criança identifica como a forma básica da mesma” (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999, p. 193).

Nível 2 - diferenciação da escrita - para a criança “[...] para poder ler coisas diferentes (isto é, atribuir significados diferentes), deve haver uma diferença objetiva nas escritas” (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999, p. 202). A criança realiza tentativas de diferenciar os grafismos, onde, sua forma já se parece mais com as letras, pois exige uma quantidade mínima de letras (duas a quatro) e diversos caracteres. Ao utilizar, ou não, as mesmas letras, mas de uma escrita para outra, deve-se variar as letras, de maneira que uma escrita se distinga da outra, pode-se utilizar apenas letras que apareçam em seu nome, devido à familiaridade e também as formas fixas (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999).

Nível 3 - hipótese silábica - sua característica determinante está na relação que a criança estabelece entre o contexto sonoro e o contexto gráfico da linguagem. Ferreiro e Teberosky (1999) esclarecem que:

[...] a mudança qualitativa consiste em que: a) se supera a etapa de uma correspondência global entre forma escrita e a expressão oral atribuída, para passar a uma correspondência entre partes do texto (cada letra) e partes da expressão oral (recorte silábico do nome), b) pela primeira vez a criança trabalha claramente com a hipótese de que a escrita representa partes sonoras da fala (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999, p. 229).

Nível 4 - passagem da hipótese silábica para a alfabética - caminho percorrido entre a hipótese silábica e a alfabética.

Segundo Ferreiro e Teberosky (1999)

[...] a criança 'abandona' a hipótese silábica e descobre a necessidade de fazer uma análise que vá 'mais além' da sílaba pelo conflito entre a hipótese e a exigência de quantidade mínima de letras (ambas as exigências puramente internas, no sentido de serem hipóteses originais da criança) e o conflito entre as formas gráficas que o meio lhe propõe e a leitura dessas formas em termos de hipótese silábica (conflito entre a exigência interna e uma realidade exterior ao próprio sujeito) (1999, p. 214).

Nível 5 - escrita alfabética - nesse nível a criança já ultrapassou praticamente todas as barreiras para compreender o sistema alfabético da escrita. No entanto, como advertem Ferreiro e Teberosky (1999), isto não significa que a criança já tenha passado por todas as dificuldades existentes, pois poderá encontrar obstáculos na ortografia.

De acordo com Morais (2012, p. 64):

Ao atingir essa fase final do processo de apropriação da escrita alfabética, as crianças resolvem as questões o que e como da forma como fazemos nós, adultos bem alfabetizados e usuários do português: colocando, na maioria dos casos, uma letra para cada fonema que pronunciamos. Assim, como nós, as crianças o fazem, mesmo sem conseguir verbalizar/explicar essa maravilha que descobriram. Mas diferente de nós elas cometem erros.

Para que as crianças superem os problemas de ortografia, é importante entender que a escrita não representa completamente a transcrição fonética e, no processo de aprendizagem, a criança também pode adotar outros conceitos (SOARES, 2004).

Outro ponto importante a observarmos é que a compreensão da escrita alfabética não garante que os alunos possam interpretar e produzir textos. Para que esse tipo de aprendizagem seja eficaz, os alunos devem estar familiarizados com a diversidade textual existente e conviver com os textos significativos para que possam compreender e usar os aspectos sociais da leitura e da escrita. Isso significa que a escrita não é apenas um objeto de pensamento, mas também uma ferramenta de pensamento.

2.6 TENDÊNCIAS PEDAGÓGICAS

Após compreender o pensamento dos teóricos que embasam a presente pesquisa e adentrar no tema, é necessário compreendermos alguns aspectos relativos ao processo de letramento e alfabetização infantil. Neste momento, faz-se necessário refletir a respeito das tendências pedagógicas que dão alicerce teórico, no

que diz respeito às tendências pedagógicas. De acordo com Libâneo (1985), existem as seguintes:

A - Pedagogia liberal –

- 1- Tradicional
- 2- Renovada progressivista
- 3- Renovada não-diretiva
- 4- Tecnicista

B - Pedagogia progressista

- 1- Libertadora
 - 2- Libertária
 - 3- Crítico-social dos conteúdos
- (LIBÂNEO, 1995, p. 1).

Em relação à tendência Pedagogia liberal, Libâneo (1985) afirma que

O termo liberal não tem o sentido de "avançado", "democrático", "aberto", como costuma ser usado. A doutrina liberal apareceu como justificativa do sistema capitalista que, ao defender a predominância da liberdade e dos interesses individuais na sociedade, estabeleceu uma forma de organização social baseada na propriedade privada dos meios de produção, também denominada sociedade de classes. A pedagogia liberal, portanto, é uma manifestação própria desse tipo de sociedade (LIBÂNEO, 1995, p. 2).

Nessa tendência, segundo Muniz (2020), a educação é no modelo tradicional que não considera a realidade social, nem distinção de classes sociais, mas o aluno se adequar ao sistema posto, adapta-se, pois o ensino não é de forma contextualizada, de forma a abranger a realidade do estudante.

Nesse modelo tradicional, Muniz (2020) deixa claro que o formato das aulas são aquelas expositivas, onde o foco é o professor e o aluno apenas o receptor dos conteúdos transmitidos, demonstra aprendizado através das provas, memorização de conceitos e resolução de conteúdos. Muniz (2020), sobre essa tendência, diz ser “por meio de técnicas específicas, almeja-se transmitir informações aos discentes para que possam adquirir habilidades e conhecimentos que serão úteis para o mercado de trabalho” (MUNIZ 2020, p. 76).

Em relação à pedagogia progressista, o autor diz:

O termo "progressista", emprestado de Snyders, é usado aqui para designar as tendências que, partindo de uma análise crítica das realidades sociais, sustentam implicitamente as finalidades sociopolíticas da educação. Evidentemente a pedagogia progressista, não tem como institucionalizar-se numa sociedade capitalista; daí ser ela um instrumento de luta dos professores ao lado de outras práticas sociais. A pedagogia progressista tem-se manifestado em três tendências: a libertadora, mais conhecida como pedagogia de Paulo Freire, a libertária, que reúne os defensores da autogestão pedagógica; a crítico-social dos conteúdos que, diferentemente

das anteriores, acentua a primazia dos conteúdos no seu confronto com as realidades sociais. As versões libertadora e libertária têm em comum o anti-autoritarismo, a valorização da experiência vivida como base da relação educativa e a ideia de autogestão pedagógica. Em função disso, dão mais valor ao processo de aprendizagem grupal (participação em discussões, assembleias, votações) do que aos conteúdos de ensino. Como decorrência, a prática educativa somente faz sentido numa prática social junto ao povo, razão pela qual preferem as modalidades de educação popular “não-formal” (LIBÂNEO, 1995, p. 9).

A tendência progressista é vista como um processo de ensino aprendizagem por Muniz (2020), de forma a contextualizar a realidade do aluno com a aprendizagem, leva em consideração os conhecimentos prévios, do âmbito sócio, histórico e cultural em que ele está inserido e a escola. Muniz entende o professor como mediador dos conhecimentos e discorre que nessa tendência “ao mesmo tempo, valoriza a experiência e o conhecimento prévio do discente através da mediação do professor, a quem compete mediar essas trocas de conhecimentos” (MUNIZ, 2020, p. 79).

Diante de tais tendências, faz-se necessário avaliar a partir de quais orientações teóricas as professoras e professores da escola pesquisada exercem suas profissões e seus papéis de educadoras e educadores: se praticam a tendência pedagógica A, ou se orientam-se pela B, ou ainda se há uma mescla das duas em suas práticas escolares.

Muniz (2020) defende a importância dos alunos se envolverem de forma significativa nas atividades, o que gera interesse em aprender e provocar o professor a ver a importância de desenvolver ações e metodologias dinâmicas, “no sentido de mediar o desenvolvimento de sujeitos críticos e agentes transformadores da sociedade” (MUNIZ, 2020, p. 82).

No que diz respeito ao processo de alfabetização, podemos entender que a pedagogia progressista, que visa o trabalho de forma contextualizada com a realidade do aluno, conforme menciona Soares (2014), possibilita gerar interesse em aprender além de ler e escrever, não apenas aprender o alfabeto, mas aprender a leitura de mundo, ou seja, de que forma utilizar o alfabeto no dia a dia.

Por volta da década de 1980, no Brasil, foram publicados os resultados da pesquisa sobre o processo de aquisição da linguagem escrita pela criança, realizada pelas pesquisadoras Ferreiro e Teberosky. Essa nova abordagem ficou conhecida como construtivista e se tornou a principal referência teórica no discurso da alfabetização (MORTATTI, 2000).

Nesse mesmo contexto, Ferrari (2008) nos diz que

Emília Ferreiro se tornou uma espécie de referência para o ensino brasileiro e seu nome passou a ser ligado ao construtivismo, campo de estudo inaugurado pelas descobertas a que chegou o biólogo suíço Jean Piaget (1896-1980) na investigação dos processos de aquisição e elaboração de conhecimento pela criança - ou seja, de que modo ela aprende. As pesquisas de Emília Ferreiro, que estudou e trabalhou com Piaget, concentram o foco nos mecanismos cognitivos relacionados à leitura e à escrita (FERRARI, 2008, p 1).

Ferrari (2008) diz que muitos acham que o construtivismo é um método, o que considera equivocado e afirma que diante das descobertas de Piaget, depois as de Ferreiro, pode-se concluir que as crianças têm um papel ativo no aprendizado, pois constroem seu próprio conhecimento, por isso a expressão construtivismo, onde o foco deve ser o aluno. Através dos conhecimentos de Piaget, Ferrari (2008) ressalta que o aprendizado leva tempo, pois as crianças precisam interpretar as informações e os conhecimentos que recebem, para depois associar com outros novos e produzir seus saberes.

Com base nesses pressupostos, Emília Ferreiro critica a alfabetização tradicional, porque julga a prontidão das crianças para o aprendizado da leitura e da escrita por meio de avaliações de percepção (capacidade de discriminar sons e sinais, por exemplo) e de motricidade (coordenação, orientação espacial etc.). Dessa forma, dá-se peso excessivo para um aspecto exterior da escrita (saber desenhar as letras) e deixa-se de lado suas características conceituais, ou seja, a compreensão da natureza da escrita e sua organização. Para os construtivistas, o aprendizado da alfabetização não ocorre desligado do conteúdo da escrita (FERRARI, 2008, p 2).

Ferrari (2008) destaca que Emília Ferrero começa com as pesquisas sobre construtivismo no Brasil, por volta da década de 1980, onde o termo é apresentado em seminários e congressos de educadores. Depois disso, o construtivismo foi adotado por políticas de vários estados brasileiros, de acordo com Ferrari (2008), o que foi possível estudos, à partir de Ferreiro, mais significativos até ser fonte de diretrizes oficiais do Ministério da Educação.

Freire, como um autor que se serve de base para esta pesquisa, tem seus conhecimentos ligados à tendência Libertadora, que segundo Queiroz: Moita (2007), estava vinculada aos movimentos de Educação Popular que confrontavam com o autoritarismo e o domínio social e político, pois a educação estava voltada para ações concretas sobre a realidade social imediata. A autora diz que:

O professor deveria agir como um coordenador de atividades, aquele que organiza e atua conjuntamente com os alunos. Seus defensores, dentre eles o educador pernambucano Paulo Freire, lutavam por uma escola conscientizadora, que problematizasse a realidade e trabalhasse pela

transformação radical da sociedade capitalista. Os seguidores da tendência progressista libertadora não tiveram a preocupação de consolidar uma proposta pedagógica explícita, havia opção didática já aplicada nos chamados “círculos de cultura”. Devido às suas características de movimento popular, essa tendência esteve muito mais presente em escolas públicas de vários níveis e em universidades, do que em escolas privadas (QUEIROZ: MOITA 2007, P. 14).

Nesse sentido, Freire busca uma transformação da sociedade por meio da educação, para que as pessoas tomem consciência da sua realidade, na sala de aula, o professor deve coordenar as atividades pedagógicas juntamente com seus alunos.

Os conhecimentos de Vygotsky abarcam a tendência sócio histórica, que Cerezuela e Mori (2015) dizem que:

Seus estudos denotam duas funções básicas: a interação com outros homens, e, o pensamento generalizante. A primeira função da linguagem diz respeito à necessidade de comunicação entre os homens e nesse caso, pelas crianças. Essa função é estabelecida desde o nascimento através do choro, dos diversos sons, dos gestos e das expressões. É no desenvolvimento dessa necessidade de comunicação que se inicia a utilização de signos compreensíveis (CEREZUELA; MORI 2015, p. 8).

É dessa forma que as autoras notam que o enfoque que a teoria histórico-cultural, que envolve as teorias de Lev Vygotsky, determina à educação. Pois entende que “a escola é o espaço privilegiado para se aprender. Sua função se inicia e se encerra em promover o aprendizado, mediado pelo ensino do professor e pelas relações humanas que ali se desenvolvem” (CEREZUELA; MORI, 2015, p. 10).

Autores como Albuquerque e Ferreira (2020), Morais (2016), Soares (2014), Ferreira e Teberosky (1985), Vygotsky (1984), Freire (1968), entre outros aqui citados, são fundamentais para a discussão prévia e para a pesquisa empírica desta dissertação. Ainda que haja diferenças, esses autores têm em comum a percepção de que a educação não deve ser uma mera repetição. Para os autores, conhecer não é apenas assimilar os conteúdos, mas também instigar a capacidade dos educandos de criar conexões, reflexões, autonomia e realizar a assimilação dos conteúdos aprendidos na escola com as experiências vividas, seja na realidade escolar, seja no seio familiar.

De acordo com Soares (2004, p. 16):

Letrar é mais que alfabetizar, é ensinar a ler e a escrever dentro de um contexto onde a leitura e a escrita tenham sentido e façam parte da vida do aluno. Segundo o dicionário Aurélio, letrado é aquele “versado em letras, erudito”, enquanto que iletrado é “aquele que não tem conhecimentos

literários” e também o “analfabeto ou quase analfabeto” (SOARES, 2004, p. 16).

Freire trabalhou bastante o viés de uma pedagogia libertadora. Em sua metodologia de ensino, o educador priorizou o desenvolvimento da capacidade de pensar as palavras a partir do cotidiano dos alunos, e trouxe as letras para a realidade de cada um. Ao aproximá-las da realidade, Freire propõe a conscientização a partir do universo de cada aluno. Dessa forma, Freire (1968) afirma que

[...] numa visão libertadora, não mais “bancária” da educação, o seu conteúdo programático já não involucra finalidades a serem impostas ao povo, mas, pelo contrário, porque parte e nasce dele, em diálogo com os educadores, reflete seus anseios e esperanças (FREIRE 1968, p. 65).

Para tanto, é preciso preparar as crianças desde cedo, já na Educação Infantil, para que os educandos tenham contato com uma forma de aprender que não seja baseada em repetição mecânica, pois dessa forma não acontece o letramento, mas sim a frustração e a evasão escolar.

Vygotsky (1984) afirma que o processo de desenvolvimento da escrita é iniciado pelo gestual, pelas interações sociais, pois é nesse momento que a criança começa a compreender e assimilar o mundo simbólico, que é também o mundo das letras. O autor aponta que todo e qualquer desenvolvimento da cognição e suas consequências são frutos do meio onde a criança vive, das interações sociais. É nessas interações que a criança consegue assimilar os conhecimentos alfabéticos, em que ela consegue ser introduzida ao mundo do letramento, com a interação com o meio: as crianças de sua idade, as mais novas, as mais velhas, os educadores e a família (VYGOTSKY, 1984).

Para Vygotsky (2009), a brincadeira (incluindo as experiências com a literatura) nos primeiros anos da Educação Infantil, é muito importante para o desenvolvimento do imaginário da criança.

O sentido da criação literária é que ela permite à criança fazer uma brusca transposição no desenvolvimento da imaginação criadora, que fornece uma nova direção para a sua fantasia e permanece por toda a sua vida. O seu sentido é que ela amplia, aprofunda e purifica a vida emocional da criança que, pela primeira vez, é despertada e afinada num tom sério. Ela permite a criança, ao exercitar seus ímpetos e capacidades criadoras, dominar a fala humana, esse instrumento delicado e complexo de formação e de transmissão do pensamento, do sentimento e do mundo (VYGOTSKY, 2009, p. 96).

A partir desse entendimento, podemos dizer que trabalhar o imaginário da criança é proporcionar seu desenvolvimento e, nesse sentido, o professor, como mediador, pode possibilitar ricas contribuições, ao despertar seu crescimento contínuo.

Freire, em *Pedagogia da Autonomia*, diz sobre a curiosidade de sermos programados para aprender que,

É que o processo de aprender, em que historicamente descobrimos que era possível ensinar como tarefa não apenas embutida no aprender, mas perfilada em si, com relação a aprender, é um processo que pode deflagrar no aprendiz uma curiosidade crescente, que pode torná-la mais e mais criador (FREIRE, 1996, P. 13).

Assim, o autor quer dizer que através da curiosidade epistemológica, alcançamos o conhecimento almejado, o que leva o estudante a recusar o ensino bancário, onde o professor apenas transfere conhecimentos para seus alunos. Mas o ser humano é capaz de ir além, segundo Freire (1996) e o professor deixar de condicionar seus alunos a receber conteúdos, ao se conscientizar que pode ser um educador problematizador. Para Freire (1996),

[...]essas condições implicam ou exigem a presença de educadores e de educandos criadores, instigadores, inquietos, rigorosamente curiosos, humildes e persistentes. Faz parte das condições em que aprender criticamente é possível a pressuposição por parte dos educandos de que o educador já teve ou continua tendo experiência da produção de certos saberes e que estes não podem a eles, os educandos, ser simplesmente transferidos. Pelo contrário, nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo. Só assim podemos falar realmente de saber ensinado, em que o objeto ensinado é apreendido na sua razão de ser e, portanto, aprendido pelos educandos (FREIRE, 1996, p. 13).

Nesse sentido, percebemos a importância do papel do educador na vida de seus alunos, com o pensamento certo e que busca sempre estimular a capacidade criadora da criança.

3 METODOLOGIA

A metodologia deste trabalho foi pautada em uma pesquisa com abordagem qualitativa, de cunho exploratório com o intuito de responder à problemática disposta. Assim, Gerhardt e Silveira (2009) amparam os conceitos relacionados à metodologia, ao possibilitar a estruturação de forma coerente para alcançar os objetivos almejados no desenvolvimento da pesquisa qualitativa, em que as autoras mencionam que ela se preocupa com os aspectos da realidade que não podem ser quantificados, pois tem como centro a explicação da dinâmica das relações sociais. (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 34). Nessa perspectiva, este trabalho almejou os movimentos que estão relacionados com o ensino na Educação Infantil, mais especificamente nas matrizes teóricas que guiam o trabalho do professor no processo de alfabetização das crianças da pré-escola.

3.1 TIPO DE PESQUISA

A pesquisa qualitativa permite ao pesquisador mais proximidade em relação aos fenômenos estudados, além de dar maior importância ao contexto do que se pesquisa, como mencionam Gerhardt e Silveira (2009), ao fazer um comparativo com outros tipos de pesquisa. Esta utiliza desse formato qualitativo diante dos objetivos propostos e da investigação a ser realizada.

Além disso, para atingir aos objetivos deste trabalho e permitir reflexões construtivas, a pesquisa bibliográfica foi fundamental para compreender a etapa da Educação Infantil, juntamente com seu desenvolvimento no que tange os processos de alfabetização nessa fase, que foi realizada nos documentos nacionais e em autores que discorrem sobre o assunto, mais especificamente o desenvolvimento da Pré-escola, que relaciona com o aprendizado da leitura e escrita.

Assim, foi possível verificar quais os avanços no campo da Educação, como as pesquisas têm sido elaboradas, que autores, tendências e aportes teóricos têm sido trabalhados pelos professores no ensino-aprendizado do letramento/alfabetização.

Gerhardt e Silveira (2009) conceituam a ação da pesquisa e os tipos, pois assim facilita a compreensão da pesquisa científica e seus princípios, deixa claro que a pesquisa bibliográfica faz parte da exploratória e “tem como objetivo proporcionar

maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses” (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 35-37). Além disso, as autoras discorrem que nesse tipo de pesquisa também se utilizam entrevistas com pessoas que tiveram vivências práticas e acrescenta análise de exemplos que estimulam a compreensão no momento da discussão dos dados.

As autoras colaboram na compreensão da pesquisa exploratória, pois ressaltam que, para tal trabalho, envolve levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado e análise de exemplos que estimulem a compreensão.

3.2 SUJEITOS DA PESQUISA

Uma parte da pesquisa envolveu questionário destinado às professoras da Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental EMEIEF “Vilmo Ornelas Sarlo”, com questões abertas e fechadas, bem como uma roda de conversa, com elas, para falar sobre as práticas em relação à alfabetização e letramento. A roda de conversa foi uma oportunidade de nos aproximarmos das docentes e obtermos contribuições de suas atividades pedagógicas para a formação do produto educacional, previsto nos objetivos específicos. Moura e Lima (2014) apontam que:

As Rodas de Conversa consistem em um método de participação coletiva de debate acerca de determinada temática em que é possível dialogar com os sujeitos, que se expressam e escutam seus pares e a si mesmos por meio do exercício reflexivo. Um dos seus objetivos é de socializar saberes e implementar a troca de experiências, de conversas, de divulgação e de conhecimentos entre os envolvidos, na perspectiva de construir e reconstruir novos conhecimentos sobre a temática proposta. A conversa saiu dos alpendres e chegou à escola como uma estratégia de ensino, e como caminho natural, alcançou as pesquisas educacionais. Assim, a roda de conversa não é algo novo, a ousadia é empregá-la como meio de produzir dados para a pesquisa qualitativa (MOURA; LIMA, 2014, p. 101).

Assim, pretendemos compreender a realidade pesquisada e relacioná-la com o referencial teórico, na busca por aproximações de práticas pedagógicas realizadas em sala de aula com a teoria estudada. Nesse sentido, foi necessária uma pesquisa de campo que, segundo Gerhardt e Silveira (2009, p. 37), suas características são as investigações bibliográfica ou documental, com coleta de dados junto a pessoas.

A observação na sala de aula foi de modo simples e espontâneo, mas com foco nos materiais e organização dispostos na sala que envolve a alfabetização, por ser

Educação Infantil, infere que o trabalho esteja dentro dos eixos estruturantes para esta etapa, que são as interações e as brincadeiras, mediadas pelo professor. Pelo fato de nos encontrarmos em momento de pandemia, pela COVID-19, a observação foi realizada sem a presença de alunos, apenas nos materiais dispostos pela professora. Nesse sentido, um diário de bordo fez parte dos registros da sala de aula, para que pudéssemos tomar nota das percepções ocorridas no momento das observações. O diário de bordo, segundo Rodrigues (2018), é uma maneira de se registrar reflexões e experiências acontecidas em contextos pedagógicos, como uma forma de revisitar o que foi vivido, intenções e ações desenvolvidas.

3.3 LOCAL DA PESQUISA

A pesquisa está voltada para a pré-escola e teve como local específico a Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental EMEIEF “Vilmo Ornelas Sarlo”, localizada na sede do município de Presidente Kennedy. É uma escola situada no centro do município, ao considerar que o local é, em sua maior parte, rural. A escola atende às crianças que moram no perímetro urbano ou que se deslocam até lá. É uma escola que, a princípio, oferece uma estrutura com espaço adequado, ventilado, com claridade para o desenvolvimento da educação dos alunos, pois sua infraestrutura atende com refeitório, biblioteca, pátio coberto, área verde, sala de professores e outros. Atende à etapa da Educação Infantil e o 1º e 2º Ano do Ensino Fundamental.

3.4 DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

A pesquisa, prevista para acontecer durante o ano de 2021, foi dividida em quatro momentos que organizam e estruturam a produção da dissertação. Foi pensada em momentos separados, mas que se fundem ao final, pois foi organizada assim, para limitar tempo para as ações, mas permite uma flexibilidade conforme o decorrer dos meses e as disponibilidades das observações no espaço físico da escola, além dos possíveis períodos de isolamento, por causa da pandemia da COVID-19. As observações aconteceram nos momentos de visitas à escola para solicitar aprovação da Diretoria, no momento em que foi necessário agendar com os professores a entrevista e o dia em que ela aconteceria, com um total de três visitas. Devido à

pandemia, foi necessário adotar medidas sanitárias como forma de minimizar a disseminação do Novo Coronavírus durante a pesquisa, caso acontecesse de forma presencial, conforme o previsto. Foi seguido o Protocolo Sanitário de Retorno às Atividades Escolares Presenciais no Contexto da Pandemia da COVID-19, no que diz respeito a manter o distanciamento mínimo durante a visita e a aplicação dos questionários, bem como a utilização de máscaras N95/PFF2 em tempo integral, enquanto estivéssemos em atividade na instituição pesquisada, além de portar álcool gel para desinfecção de mãos e superfícies. Também estivemos em atenção, caso viéssemos a sentir quaisquer sintomas da COVID-19, antes e após comparecermos ao local (caso observasse alguma reação antes) e/ou informarmos qualquer alteração do quadro de saúde e evitar possíveis contaminações.

3.4.1 Primeiro momento

A revisão bibliográfica buscou informações sobre a escola pesquisada e o ambiente sócio, histórico e cultural que a envolve, para compreender o perfil dos alunos que ela atende; ampliação e revisão do repertório teórico, ao consolidar a pesquisa.

Esse momento se voltou à organização do referencial teórico com ampliação do mesmo, para buscarmos outras referências e enriquecermos a discussão, ao mesmo tempo em que se buscavam informações sobre a escola pesquisada, no sentido de compreender o funcionamento da instituição, do trabalho educacional, assim como compreender a Educação Infantil em nível municipal, que influi diretamente na forma de trabalho dos professores e seus planejamentos e, assim, compreendermos essa dinâmica, principalmente no que tange a abordar a alfabetização na Educação Infantil. Esse contexto se configura como o início da coleta de dados com a escola.

3.4.2 Segundo momento

Este foi o momento de desenvolver o questionário e realizar a coleta de dados, que aconteceu com 07 (sete) professoras e a observação na escola, a priori, no espaço físico da sala de aula.

Baseado em Gerhardt e Silveira (2009), o questionário é

[...] um instrumento de coleta de dados constituído por uma série ordenada de perguntas que devem ser respondidas por escrito pelo Informante, sem a presença do pesquisador. Objetivo levantar opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas, pontos, a linguagem utilizada do questionário deve ser simples e direta para quem vai responder compreenda com clareza que está sendo perguntado (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 71).

Com informações que estão no entorno da Educação Infantil, é o momento de trabalharmos com o questionário e iniciarmos a coleta de dados, junto às professoras da etapa da Educação Infantil, elaborado com questões abertas e fechadas, para atender aos objetivos específicos da pesquisa.

O questionário foi aplicado, ao mesmo tempo em que se observou a dinâmica da sala de aula, quanto ao espaço físico, para percebermos que elementos voltados para a alfabetização são utilizados na sala de aula.

Foi importante observar a organização e a disposição de elementos textuais e como a criança tem acesso a eles visualmente, além de objetos que são ser utilizados como instrumentos no processo de alfabetização.

Para dar mais detalhes sobre a coleta de dados, juntos às professoras da Educação Infantil, no que diz respeito à formulação das questões, estas foram voltadas à importância que dão sobre a alfabetização, nesta etapa, e como isso acontece em seu trabalho, assim como saber, em seus planejamentos, em que momentos trabalham a alfabetização e as respostas dos alunos aos seus estímulos e mediações nas atividades planejadas.

3.4.3 Terceiro momento

Este foi um momento valioso depois da observação realizada na escola e quando o referencial teórico dialoga com a prática trazida pelos professores na entrevista, assim como as respostas dos questionários aplicados, propostos pela pesquisa.

Os resultados foram analisados por meio dos conteúdos, considerada como uma técnica de pesquisa projetada para formular, com base em certos dados, inferências reproduzíveis e válidas que podem ser aplicadas ao seu contexto. São destinadas a obter indicadores (quantitativos ou não) por procedimentos sistemáticos

e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, pois permite a inferência de conhecimentos relacionados às condições de produção/recepção dessas mensagens (BARDIN, 2011).

Dessa forma, realizamos a análise e discussão dos dados e a realização dos relatórios.

3.4.4 Quarto momento

Momento de finalizarmos os relatórios do diário de campo, dos questionários e das entrevistas, revisarmos todo o trabalho de pesquisa e fazermos a relação dos dados coletados com o referencial de literatura e teórico, com base nos objetivos traçados, para, então, pensarmos nas considerações finais.

3.5 PRODUTO EDUCACIONAL

A BNCC, enquanto documento norteador das práticas educacionais, indica que é possível adentrar o universo da alfabetização com a Educação Infantil, mais especificamente no campo de experiências "Escuta, fala, pensamento e imaginação". Alguns dos objetivos desse campo, que é voltado para a Pré-escola e revela que é possível trabalhar com a alfabetização, nesta etapa da educação, sem o compromisso de alfabetizar, mas de permitir que as crianças tenham contato com a escrita e já estejam familiarizadas com o alfabeto quando iniciarem no Ensino Fundamental.

Para o produto educacional, que se encontra no Apêndice C, pensamos na construção de um guia didático, baseado nos documentos nacionais que regem a educação como a Base Nacional Comum Curricular e nos objetivos voltados para a Educação Infantil com suas particularidades, no que compreende esta etapa e a partir dos estudos aqui previstos, com o objetivo de contemplar a Educação Infantil no processo de alfabetização. Esse guia didático foi construído junto às professoras durante a roda de conversa, a partir das contribuições emergidas na pesquisa relacionadas ao trabalho de alfabetização na fase da pré-escola, com atividades voltadas para o trabalho de alfabetização nesta etapa.

Esse trabalho atende a um dos objetivos específicos traçados para esta pesquisa, onde, a partir da pesquisa de campo, da aplicação do questionário às

educadoras e das rodas de conversas pensamos num guia didático baseado nos documentos nacionais que regem a educação, como a Base Nacional Comum Curricular, especificamente nos campos de experiências voltados para a Educação Infantil.

Assim, a partir das respostas obtidas pelos questionários, nas explicações das professoras nas rodas de conversa, e das observações realizadas nas três visitas à escola, este guia começou a ser formulado como produto final desta pesquisa. Esse material pode ser considerado uma organização das práticas voltadas para a alfabetização na Educação Infantil, dentro da realidade da educação da Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental EMEIEF Vilmo Ornelas Sarlo, no município de Presidente Kennedy.

Depois da análise de dados da pesquisa, foi possível reconhecermos a importância do processo de alfabetização na Educação Infantil, onde os relatos das professoras foram articulados com os autores que formam o marco teórico desta pesquisa. Dessa forma, este guia didático servirá com um recurso que leva em conta os conhecimentos que as educadoras já utilizam para conduzir o trabalho de introdução ao letramento e à alfabetização, para reconhecer a importância do trabalho que já é realizado. Pretendemos que este guia contribua ricamente para o trabalho das professoras na formação das crianças da Educação Infantil, no que tange ao contato com linguagem escrita de forma adequada à idade, como preparação para os processos de alfabetização nos anos seguintes.

Como este guia didático é composto, juntamente com as professoras, pelas práticas expostas nas rodas de conversas, nele são apresentadas várias possibilidades diferentes, pois nas respostas aos questionários as professoras demonstram concordar com a introdução da alfabetização, conforme os limites cognitivos da etapa da Educação Infantil e de forma a trazer, para as crianças, familiaridade com a linguagem escrita. Elas trazem suas contribuições, do que já trabalham na sala de aula, com diferentes atividades, onde algumas fazem parte do guia didático, como forma de partilhar experiências que já são vivenciadas pelas professoras e que se consideram exitosas.

4 RESULTADOS, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

A análise de dados presente nesta pesquisa concentra-se no trabalho que as educadoras da Educação Infantil introduzem às crianças de 4 a 5 anos ao letramento e à alfabetização. Acredito que as concepções teóricas das educadoras sobre como alfabetizar as crianças são de suma importância para que os alunos sintam vontade de aprender. Portanto, esta análise é fundamental para encontrarmos respostas para que os alunos sejam alfabetizados com mais facilidade ao chegarem ao Ensino Fundamental I. Como exposto no capítulo Metodologia, a análise contou com as seguintes fontes: diário de bordo realizado pela pesquisadora, durante as três visitas à escola; avaliação dos questionários respondidos pelas educadoras da Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental EMEIEF Vilmo Ornelas Sarlo; bem como a transcrição da gravação das rodas de conversas realizadas na entrevista entre os dias 01 e 05 do mês de novembro de 2021.

Segundo a BNCC,

Desde cedo, a criança manifesta curiosidade com relação à cultura escrita: ao ouvir e acompanhar a leitura de textos, ao observar os muitos textos que circulam no contexto familiar, comunitário e escolar, ela vai construindo sua concepção de língua escrita, reconhecendo diferentes usos sociais da escrita, dos gêneros, suportes e portadores. Na Educação Infantil, a imersão na cultura escrita deve partir do que as crianças conhecem e das curiosidades que deixam transparecer. As experiências com a literatura infantil, propostas pelo educador, mediador entre os textos e as crianças, contribuem para o desenvolvimento do gosto pela leitura, do estímulo à imaginação e da ampliação do conhecimento de mundo. Além disso, o contato com histórias, contos, fábulas, poemas, cordéis etc. propicia a familiaridade com livros, com diferentes gêneros literários, a diferenciação entre ilustrações e escrita, a aprendizagem da direção da escrita e as formas corretas de manipulação de livros. Nesse convívio com textos escritos, as crianças vão construindo hipóteses sobre a escrita que se revelam, inicialmente, em rabiscos e garatujas e, à medida que vão conhecendo letras, em escritas espontâneas, não convencionais, mas já indicativas da compreensão da escrita como sistema de representação da língua (BRASIL, 2017, p. 41).

Em vista do que é exposto pela BNCC, sobre os primeiros contatos das crianças com letras, buscamos verificar, nesta pesquisa, como as educadoras se preparam teoricamente para transmitir e mediar os saberes relativos ao letramento e à alfabetização, quais seus aportes/matrizes teóricas, o que observam ser eficaz ou não. Como uma forma de ativar um espaço e tempo tranquilos e dialógicos para a troca de informações, impressões e coleta de dados, fizemos um convite às

educadoras da referida escola a comparecerem a uma roda de conversa, que aconteceu em dois encontros.

4.1 DIÁRIO DE BORDO: O QUE REVELA O ESPAÇO ESCOLAR SOBRE ALFABETIZAÇÃO NAS SALAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Vygotsky (2009) aborda que o aspecto básico da memória inata se refere a lembrar de coisas ou processos sem nenhum estímulo externo, já a memória mediada se refere ao armazenamento para posterior, que as pessoas utilizam para lembrar de certas coisas, através de estímulos. Nesse sentido o autor entende que a partir da mediação, pode-se fornecer instrumentos para o aprendizado. Assim, os espaços escolares, quando recheados de informações, organizadas de acordo com a faixa etária das crianças, possibilita um acervo em sua memória de imagens, letras, números através das listas dos nomes, dos calendários expostos nas paredes, dos painéis produzidos pelos próprios alunos, entre outros recursos que o professor pode utilizar para potencializar a memória de cada um e favorecer a apreensão dos elementos externos, que poderão ser utilizados no futuro.

O local da pesquisa foi a Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental EMEIEF “Vilmo Ornelas Sarlo”, localizada na sede do município de Presidente Kennedy. O público dessa escola são as crianças que moram na sede, onde se encontra a parte urbana do município.

As visitas à escola nos permitiram aproximar das educadoras. Pudemos observar que o espaço oferece estrutura física suficiente e adequada para desenvolver das atividades com os alunos da Educação Infantil e o 1º e 2º Ano do Ensino Fundamental que ali estudam. A escola oferece refeitório amplo e bem arejado, biblioteca com um novo acervo de livros recém-chegados, voltado para a Educação Infantil, pátio coberto, área verde com grama, plantas, sala para os professores e corredores amplos que dão acesso às salas dos alunos, todas amplas, com boa claridade e bem organizadas.

A biblioteca contém prateleiras com a organização dos livros para facilitar a utilização, onde há os brinquedos pedagógicos, livros didáticos e livros de leitura, que vão desde materiais sensoriais aos que possuem mais textos. No momento em que passamos pela biblioteca para observar, acontecia uma reorganização, pois a escola

recebeu da Secretaria Municipal de Educação vários livros para a utilização, dos professores, com os alunos. A variedade desse material é grande, voltada para a Educação Infantil e os primeiros anos do Ensino Fundamental.

Percebemos que na biblioteca havia muitos livros interativos e sensoriais. Isso mostra que há uma preocupação, pois mesmo pequenas, as crianças precisam ter acesso à leitura. Gontijo (2018) diz que as crianças “se lembrarão da história contada pela professora, farão leitura de imagens e contarão a história talvez da mesma forma que a professora contou ou usará sua imaginação e criará outra história” (GONTIJO, 2018, p. 13). A autora menciona que esse é que chamamos de letramento, é o momento em que a criança entra no processo de leitura. Assim, faz-se importante o contato com livros de diversas formas, seja ao folhear, ao ouvir a história e ao observar as imagens, pois tudo será guardado na sua memória, para assimilar depois.

Os livros dispostos nas estantes da biblioteca foram disponibilizados pela Secretaria de Educação, com o intuito de renovar o material que lá se encontrava. Apesar de não ter sido escolha das professoras, essa aquisição demonstra a preocupação com a manutenção e qualidade da educação. Não foi cogitada a possibilidade de formação para utilização do material recebido, mas com certeza irá colaborar muito com o trabalho do professor da Educação Infantil, nas práticas que envolvem processos de leitura. Os novos materiais trazem novos conceitos, novas imagens, novos elementos sensoriais que, para Vygotsky, a criança necessita de novos conceitos, pois quando aprender os novos conceitos, consiga fazer associação com as coisas que vê ou que é lido para ela.

Para um trabalho voltado à alfabetização, podemos dizer que uma biblioteca, bem recheada, é um recurso indispensável para o trabalho de alfabetização, principalmente na Educação Infantil, que pressupõe que as crianças tenham acesso à linguagem escrita para se familiarizarem e facilitar a alfabetização, de fato, nos anos seguintes.

Vygotsky entende que a criança se utiliza da memória para armazenar informações que depois utiliza em outras situações ou momentos de forma a reorganizar e corrigir o pensamento, o comportamento. A partir dessas premissas, podemos dizer que quanto mais forem as experiências, apresentadas às crianças, maior será sua bagagem de informações, armazenada, pronta para ser acessada.

Ao observar as salas das professoras da pré-escola, nos atentamos para o que há de estímulos para o mundo da leitura e escrita. Percebemos que todas contêm, dispostos nas paredes, o alfabeto, cada uma a seu modo e organização. Além do alfabeto, pudemos observar que os números estavam em um painel também, assim como as vogais, o painel de aniversariantes, ajudante do dia e a contagem de alunos (meninos e meninas) da turma com o total das presenças.

Nos objetivos de aprendizagem (EI03EF07) “Levantar hipóteses sobre gêneros textuais veiculados em portadores conhecidos, recorrendo a estratégias de observação gráfica e/ou de leitura” e (EI03EF09) “Levantar hipóteses em relação à linguagem escrita, realizando registros de palavras e textos, por meio de escrita espontânea” (BRASIL 2017, p. 49. 50), que a BNCC norteia no campo de experiência descrito Escuta, fala, pensamento e imaginação, deixa claro que o trabalho de mediação do professor, na etapa da Educação Infantil, deve possibilitar às crianças levantarem tais hipóteses e realizarem tais registros. Portanto, pressupomos que a qualidade das atividades, onde se utilizam textos, imagens, histórias, dentre outras formas de leitura de mundo, devem ser bem planejadas e devem levar em consideração que a criança é capaz, desde que seja estimulada.

Em uma sala, o alfabeto estava disposto em folhas brancas, na altura das crianças, com descrição das letras maiúsculas e minúsculas, de forma e cursiva, com quatro ilustrações que iniciem com cada letra do alfabeto. Os números vinham acompanhados de bolinhas que indicavam a quantidade de cada um.

Dessa forma, as crianças têm a possibilidade de terem vários elementos voltados para a linguagem escrita, que possivelmente são utilizados na rotina da sala de aula, para sua memorização e compreensão dos símbolos alfabéticos e numéricos. Essa é uma forma indireta delas terem acesso à alfabetização sem necessariamente serem alfabetizadas, mas compreenderem que o que falam pode ser registrado de alguma forma.

Ferreiro e Teberosky (1985) mencionam que a criança tem a possibilidade de construir hipóteses sobre o sistema de escrita, para isso, entendemos ser necessário que as experiências que o professor apresenta, através de suas práticas, ao conter elementos relacionados à escrita, a criança desenvolve suas percepções de que a escrita representa nossa oralidade.

A BNCC vai de encontro com esse pensamento e diz que

“[...] as experiências com a literatura infantil, propostas pelo educador, mediador entre os textos e as crianças, contribuem para o desenvolvimento do gosto pela leitura, do estímulo à imaginação e da ampliação do conhecimento de mundo” (BRASIL, 2017, p. 42).

Percebemos que a criança, dessa forma, tem um contato com o mundo da escrita e mesmo que pertença à pré-escola, já se familiariza e se prepara para o Ensino Fundamental que é o momento que a alfabetização deve acontecer de forma mais sistemática, com o compromisso de alfabetizar; é o momento em que a criança começa um novo ritmo de aprendizado e muitos novos conceitos aparecem. Se ela tem uma familiaridade com a alfabetização, desde a Pré-escola, isso facilitará na apreensão dos novos conceitos que surgem.

4.2 RODAS DE CONVERSAS: CONTRIBUIÇÕES DE PRÁTICAS DE ALFABETIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A roda de conversa iniciou com as apresentações onde cada pessoa teve um momento para falar de si, enquanto profissional da Educação Infantil. Percebemos o quanto as educadoras gostam do trabalho que realizam com as crianças da Educação Infantil. Nesse sentido Freire (1996) diz que:

Quando vivemos a autenticidade exigida pela prática de ensinar-aprender participamos de uma experiência total, diretiva, política, ideológica, gnosiológica, pedagógica, estética e ética, em que a boniteza deve achar-se de mãos dadas com a decência e com a seriedade (FREIRE, 1996, p. 13).

Nesse sentido, Freire (1996) ilustra o que é participar de uma experiência total, no que diz respeito ao ensinar e aprender, pois ao se referirem, a si, enquanto educadoras, falam com satisfação do dever cumprido. Todas mencionaram que escolheram a Educação Infantil por se adaptarem mais à faixa etária e ao ver o desenvolvimento das crianças pequenas, pois relatam não terem dificuldades em trabalhar com as turmas da pré-escola.

Apresentamo-nos como mestrandas em Ciência, Tecnologia e Educação da Faculdade Vale do Cricaré e a presente pesquisa através de exposição oral e Power point, onde buscamos trazer os pontos principais dos referenciais teóricos e também explicitamos os objetivos traçados.

Os pontos apresentados foram de acordo com os objetivos da pesquisa, onde foi exposto sobre o fato de alfabetizar na Educação Infantil, conforme alguns autores,

as tendências pedagógicas e a ideia do produto educacional que seria construído a partir das experiências delas.

Todas sinalizaram, de forma positiva, em relação ao conteúdo exposto e mencionaram que, em suas práticas, utilizam esse contato com o mundo da leitura e da escrita para que as crianças comecem a reconhecer que o que falam pode ser registrado através da escrita. Isso sem forçar alfabetizar, mas de forma lúdica, no decorrer das atividades, as crianças vão assimilar a escrita do alfabeto.

Gontijo (2018) esclarece que a criança deve ter o contato com as letras, com as histórias e outras coisas que envolvem a escrita, de forma adequada à sua idade, para que não tenha dificuldades em aprender os processos de codificação e decodificação da linguagem escrita.

Ao realizar observações em crianças que tentam produzir diferentes textos, Gontijo (2001) percebe que inicialmente elas utilizam apenas as letras, com o tempo elas desenvolvem a percepção da relação da linguagem oral e da linguagem escrita. Nesse sentido, Gontijo (2001) diz que

Os processos que se constituem nas crianças, durante a fase inicial de alfabetização, resultam das relações com as outras pessoas (adultos ou outras crianças) que os ensinam a ler e a escrever. Do ponto de vista pedagógico, é essencial ter em mente que a capacidade de usar a escrita para si como os outros a utilizam não surge e se desenvolve da mesma forma que os órgãos do corpo. Uma criança que passa a usar as letras para escrever as suas ideias, as alheias, para recordar e para intervir sobre os outros precisa vivenciar inúmeras situações em que as pessoas leem e escrevem para elas e as incentivam a ler e a escrever (GONTIJO, 2001, P. 264).

Assim, podemos dizer que as professoras estão no caminho certo em suas práticas que envolvem as experiências com a alfabetização na pré-escola.

O município estava em um momento de retorno das aulas presenciais e no sistema de revezamento (em casos de turmas grandes) em algumas escolas, ainda com os cuidados da pandemia por COVID-19. As professoras relataram que, neste momento pandêmico, as atividades com a pré-escola ficaram comprometidas, pois as aulas eram via WhatsApp, com a distribuição de apostilas, onde as famílias ficaram responsáveis por realizar, com as crianças, as atividades. Mesmo ao retornar às aulas, a escola passou por momentos de isolamento e teve que deixar de atender presencialmente, por ter vários alunos e professores contaminados ao mesmo tempo. Mas que, agora, com uma redução nos casos de COVID-19, as aulas seguem até o final do ano de 2021, no formato presencial.

Elas apresentam o material que o município oferece para trabalhar com as crianças, que desde o maternal ao 9º ano, utilizam o Aprende Brasil. Todas as professoras o elogiam, por ser muito rico, mas que, às vezes, fazem adaptações em algumas atividades. Elas relatam que o município investe muito em educação, pois preza pela qualidade, onde além das apostilas, as crianças recebem mochila com cadernos, lápis, borracha, tintas e vários outros materiais, além de uniformes de verão, uniformes de frio e tênis.

Quanto ao trabalho com a apostila, é realizado um direcionamento em relação ao material para que todas as escolas cumpram o conteúdo de forma unificada em todo o município.

Depois desse momento de apresentação, marcamos outro encontro, outra roda de conversa para que as educadoras apresentassem suas práticas e realizássemos uma troca de experiências. Apresentamos o formulário para respostas individuais, que foi entregue às 8 educadoras. Os formulários foram respondidos e recolhidos e ficou combinado uma segunda roda de conversa, pois não foi possível contemplar todos os pontos na primeira, devido ao tempo, a fim de que não fosse uma atividade exaustiva. Pedimos que as educadoras trouxessem suas experiências em relação às suas práticas, especialmente as que se referem ao contato das crianças com o mundo da leitura e escrita.

No segundo momento, que aconteceu na mesma semana da primeira roda, as educadoras trouxeram suas práticas voltadas para a alfabetização. Cada uma delas já havia selecionado algo para apresentar e foi um momento muito rico, que contribuiu com esta pesquisa.

Esse momento traz algumas reflexões, no que diz respeito às práticas das educadoras que, conforme acredita Ferreiro e Teberosky (1985), a criança constrói seu conhecimento e consegue assimilar o que está à sua volta, desde que sejam proporcionadas as interações entre sujeito e objeto, neste caso, a escrita e as crianças.

Ao refletir sobre as práticas das educadoras, também o fazemos sobre o compromisso e a formação do professor, que se faz de suma importância para um trabalho de qualidade, que envolva comprometimento, entendimento, sabedoria e conhecimento sobre a forma de educação, conforme a idade, pois diante da pesquisa, estamos a falar de alfabetização na Educação Infantil, onde o brincar deve se fazer

presente constantemente. Nesse sentido, podemos citar Vygotsky que diz que “ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo” (VYGOTSKY, 1996, p. 38). Para ilustrar essa fala, o autor diz que

[...] como experiência especificamente humana, a educação é uma forma de intervenção no mundo. Intervenção que além do conhecimento dos conteúdos bem ou mal ensinados e/ou aprendidos implica tanto o esforço de *reprodução* da ideologia dominante quanto o seu *desmascaramento*. Dialética e contraditória, não poderia ser a educação só uma ou só a outra dessas coisas. Nem apenas *reprodutora* nem apenas *desmascaradora* da ideologia dominante (VYGOTSKY, 1996, p. 38).

Assim, podemos entender que, através da intervenção da educação, formamos pessoas críticas ou apenas reprodutivas de conteúdo. É o que desde a Educação Infantil devemos combater com um trabalho de qualidade, pois assim os alunos terão a possibilidade da capacidade de discernir o que buscar para ler, ver, ouvir e interagir.

As práticas que as educadoras levaram para a roda de conversa foram utilizadas para contemplar um dos objetivos dessa pesquisa, que é um produto educacional, no formato de guia didático, com contribuições relacionadas a essas práticas, que abrangem o contato das crianças da pré-escola com o alfabeto.

Segue, aqui, uma lista de atividades, pois cada educadora apresentou mais de uma proposta que utiliza em sala de aula. Em todas essas atividades, que as professoras listaram e apresentaram, utilizam algo que foca nas letras, no alfabeto, no texto, nos números e, sem que a criança perceba, elas vão se familiarizar com o mundo da escrita.

HISTÓRIAS

Contação de histórias a partir de livros infantis

Contação e reconto de história,

Produção de texto coletiva tendo o professor como escriba.

JOGOS E BRINCADEIRAS

Jogos de adivinhação

Jogo da memória

Vôlei de lençol,

Ditado estourado (colocam-se letras ou sílabas dentro de um balão. Peça que a criança estoure e anote a letra ou a sílaba que estava dentro do balão)

OUTRAS ATIVIDADES

Desenhos e pinturas a dedo...

Escultura com massa de modelar.

Teatro de fantoches

Leitura de imagens

Músicas, pois é um recurso muito válido, além de motivar a aprendizagem, as crianças se divertem e têm mais interação uns com os outros.

ATIVIDADES COM O ALFABETO

Alfabeto móvel

As vogais

Numerais

Recorte e colagem

“ABC das frutas”, esse é um exercício muito rápido e dinâmico.

Oficina de carimbos com as letras

Rimas

Sons das letras

Lista de palavras

Consciência fonológica

Os sons das letrinhas

Atividades com lista de palavras

Jogos com figuras relacionadas a letras, numerais,

Recortes de letras com as iniciais do nome das crianças.

Segundo a BNCC, a sociedade contemporânea exige a educação de forma integral, ao lançar o olhar sobre questões centrais que envolvem os processos educativos: o que aprender, pra que aprender, como ensinar, como promover redes de aprendizagem colaborativa e como avaliar o aprendizado (BRASIL, 2017, p. 14). Nesse sentido, a BNCC, como um documento que orienta as práticas educacionais, menciona que

No novo cenário mundial, reconhecer-se em seu contexto histórico e cultural, comunicar-se, ser criativo, analítico-crítico, participativo, aberto ao novo, colaborativo, resiliente, produtivo e responsável requer muito mais do que o acúmulo de informações. Requer o desenvolvimento de competências para aprender a aprender, saber lidar com a informação cada vez mais disponível, atuar com discernimento e responsabilidade nos contextos das culturas digitais, aplicar conhecimentos para resolver problemas, ter autonomia para

tomar decisões, ser proativo para identificar os dados de uma situação e buscar soluções, conviver e aprender com as diferenças e as diversidades (BRASIL, 2017, p. 14).

Diante disso, podemos citar Gadotti (2005) que fala sobre a importância do letramento, que unido ao conceito de alfabetização amplia a visão das educadoras, onde não só se aprende a ler e escrever, mas também o que fazer com a leitura e escrita que se aprende ou ainda como utilizar esses conhecimentos no contexto da criança, pois assim entende-se que ser alfabetizado não é somente ler e dominar o código da linguagem escrita, mas através dele fazer a leitura de mundo.

4.3 CONCEPÇÕES DAS EDUCADORAS DIANTE DAS PRÁTICAS RELACIONADAS À ALFABETIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Depois de expor as percepções da roda de conversa com as professoras, foi o momento de analisarmos suas respostas no questionário, que traça questionamentos e aprofunda mais no que diz respeito à alfabetização na pré-escola. Para manter a privacidade de cada educadora, cada unidade do formulário foi identificada apenas com a numeração, distribuídos do número 1 ao 8.

Ao pensar em alfabetização, Soares (2014) traz como contribuição importantíssima para esta pesquisa, que alfabetização e letramento não devem ser vistos como processos separados, mas que devem acontecer unidos. Por isso, Soares (1985) aposta na formação do educador para trabalhar na contemporaneidade a complexidade do trabalho de alfabetizar, o que Soares (2014), a mesma autora, traz a complexidade e mantém na atualidade seu discurso sobre a alfabetização, o que ainda prevalece:

Sem dúvida, não há como fugir, em se tratando de um processo complexo como a alfabetização, de uma multiplicidade de perspectivas, resultante da colaboração de diferentes áreas de conhecimento, e de uma pluralidade de enfoques, exigida pela natureza do fenômeno, que envolve atores (professores e alunos) e seus contextos culturais, métodos, material e meio (SOARES, 1985, p.20).

A autora traz a complexidade que envolve a alfabetização para não se tornar mecânica e simplificada, pois ela entende que o aluno deve, além de aprender a decodificar o código da escrita, deve também ter a compreensão do significado do que se escreve.

4.3.1 Concepções das educadoras com relação à Alfabetização na Educação Infantil

Sobre essa abordagem, as professoras responderam:

- Educadora 1: "A concepção preparatória enfatiza o processo de alfabetização e o controle dos alunos pelo autoritarismo, seus conteúdos escolares constituem a maior preocupação na educação infantil, pois visa preparação para o ensino fundamental. Entendendo a educação das crianças pequenas como garantia para a diminuição do fracasso escolar no ensino obrigatório, que caracteriza a concepção de Educação Infantil como preparação para o Ensino Fundamental" (Educadora 1. Entrevista em 01/11/2021).

- Educadora 2: "Na verdade estar alfabetizado é poder ir além do código escrito, é apropriar-se dá função social constituinte dos atos de ler e escrever é fazer uso da leitura e da escrita no cotidiano, ser capaz de ler um livro etc..." (Educadora 2. Entrevista em 01/11/2021).

- A Educadora 3: "Apresentar ao aluno leitura de imagens, vogais, números, livros de histórias etc." (Educadora 3. Entrevista em 01/11/2021)

- Educadora 4: "Educar é cuidar" (Educadora 4. Entrevista em 01/11/2021).

- Educadora 5: "Na Educação Infantil as crianças têm direito ao lúdico, à imaginação, à criação, ao acolhimento, à curiosidade, à brincadeira, à democracia, à proteção, à saúde, à liberdade, à confiança, ao respeito, à dignidade, à convivência e à interação com seus pares para a produção de culturas infantis" (Educadora 5. Entrevista em 01/11/2021).

- Educadora 6: "Acredito que a alfabetização na Educação Infantil é algo que deve acontecer de maneira prazerosa que não limite o desenvolvimento da criança"(Educadora 6. Entrevista em 01/11/2021).

- Educadora 7: "Acredito que a alfabetização na Educação Infantil pode ser algo leve e processual, nada forçada ou desagradável para a criança. Mesmo por que a alfabetização não é obrigatória nessa etapa. e devemos sempre respeitar os direitos de aprendizagem das crianças" (Educadora 7. Entrevista em 01/11/2021).

- Educadora 8: "Na minha concepção, a alfabetização na Educação Infantil é muito importante, pois quanto mais cedo a criança for alfabetizada, melhor será o seu

desenvolvimento ao chegar nos anos iniciais do ensino fundamental" (Educadora 8. Entrevista em 01/11/2021).

Percebemos que as professoras compreendem a importância de iniciar o processo de alfabetização na Educação Infantil, mesmo que não seja obrigatória, mas que deve ser prazerosa, de forma lúdica e como preparação para o Ensino Fundamental. Gontijo (2018) aborda que é provável que as dificuldades no processo de alfabetização, quando não há uma base, o que denota a importância do contato com as letras, as histórias, os números como introdução à alfabetização, é uma forma de evitar que a criança precise de reforço para a alfabetização. Para a autora, não é necessário ensinar a ler, na etapa da Educação infantil, mas de apenas apresentar a escrita "para que quando elas forem alfabetizadas tudo isso já seja comum para elas e o processo de ensinar a ler e escrever se torne mais fácil, pois não é algo desconhecido para elas" (GONTIJO, 2018, p. 12). Freire (1987) diz que a escola é um espaço transformador, onde o professor é o mediador dos conhecimentos e deve utilizar isso para uma educação libertadora.

Cabe aqui salientarmos que a BNCC deixa claro que as atividades, para a pré-escola, podem ter elementos que induzem ao processo de alfabetização, pois o professor pode investir na contação de histórias, no reconto pelas crianças, no contato com materiais escritos diversos, registros, dentre outros que colocam o aluno em contato com a linguagem escrita, ao estimular o gosto pela leitura, aguçar a curiosidade e proporcionar momentos que a criança percebe o mundo da escrita de forma tranquila, para se ambientar. Para isso, não se deve esquecer que, conforme a BNCC, os eixos que devem nortear as práticas da Educação Infantil são as interações e as brincadeiras, onde o professor pode realizar um rico trabalho ao mediar atividades ao utilizar uma infinidade de recursos como contar histórias, jogos, montar painéis, fazer leituras de textos com as crianças, realizar brincadeiras com as letras e outros.

4.3.2 Considerações sobre as atividades pedagógicas aplicadas em sala de aula na Educação Infantil voltada para o contato das crianças com a alfabetização

As professoras disseram que:

- A educadora número 1: "Utilizo histórias, jogos e brincadeiras" (Educadora 1. Entrevista em 01/11/2021).

- A educadora número 2: "Desenhos e pinturas a dedo. Escultura com massa de modelar. Teatro de fantoches. Jogos de adivinhação. Alfabeto móvel. As vogais. Numerais. Recorte e colagem" (Educadora 2. Entrevista em 01/11/2021).

- A educadora número 3: "Utilizo leitura de imagens, livros infantis, contação de histórias (Educadora 3. Entrevista em 01/11/2021).

- A educadora número 4: "Utilizo ABC das frutas, esse é um exercício muito rápido e dinâmico. Desenho e pintura a dedo, escultura com massa de modelar, teatro de fantoches, jogo de adivinhação, vôlei de lençol, oficina de carimbos" (Educadora 4. Entrevista em 01/11/2021).

- A educadora número 5: "Atividades lúdicas com intencionalidade pedagógica, contação e reconto de história, produção de texto coletiva com o professor como escriba, músicas, rimas, sons das letras, lista de palavras, jogos que exercitam capacidades e potencialidades da criança" (Educadora 5. Entrevista em 01/11/2021).

- A educadora número 6: "Trabalho com atividades parecidas como a contação de histórias e jogos recreativos" (Educadora 6. Entrevista em 01/11/2021).

- A educadora número 7: "Nessa etapa é muito importante trabalhar a consciência fonológica, os sons das letrinhas, atividades com lista de palavras, aliterações e rimas, por exemplo" (Educadora 7. Entrevista em 01/11/2021).

- A educadora número 8: "Faço a utilização do alfabeto móvel, as vogais, jogos com figuras relacionadas a letras, numerais, recortes de letras com as iniciais do nome das crianças" (Educadora 8. Entrevista em 01/11/2021).

Assim, podemos dizer que o trabalho do professor, no processo de alfabetização, vai além de ensinar os códigos da escrita.

Percebemos que as professoras trabalham dentro dos eixos estruturantes da educação, que são as brincadeiras e a interação, onde a BNCC, enquanto documento norteador abrange esses eixos em suas orientações nos objetivos de aprendizagem e desenvolvimento para a pré-escola. Freire, ao falar sobre o pensamento do professor, com relação à educação diz que:

O professor que pensa certo deixa transparecer aos educandos que uma das bonitezas de nossa maneira de estar no mundo e com o mundo, como seres históricos, é a capacidade de, intervindo no mundo, conhecer o mundo. Mas, histórico como nós, o nosso conhecimento do mundo tem historicidade. Ao ser produzido, o conhecimento novo supera outro que antes foi novo e se fez velho e se "dispõe" a ser ultrapassado por outro amanhã. Daí que seja tão fundamental conhecer o conhecimento existente quanto saber que estamos

abertos e aptos à produção do conhecimento ainda não existente (FREIRE, 1996, p. 14).

Em suma, Freire aposta nos novos conhecimentos que superam o antigo, movimento que permite estar sempre aberto para novos conhecimentos. Assim, o trabalho do professor deve ser de forma fluente e gradativo, de acordo com a turma em que abraça em cada ano, com a realidade de todos os alunos e diante do contexto atual para realizar um trabalho de qualidade, que vise o aluno de forma integral na sua individualidade.

Soares se refere à alfabetização com um trabalho com complexidade, que exige do professor, enquanto mediador. Nesse sentido, podemos citar Vygotsky, que afirma que para como preparação para o desenvolvimento da escrita das crianças, elas deveriam desenhar e brincar, o que deixa claro que de forma mediada pelo professor, traz condições para a compreensão da escrita, mesmo com crianças pequenas da pré-escola.

4.3.3 Apontamentos das professoras sobre o embasamento teórico que utiliza no trabalho de alfabetização das crianças da Educação Infantil e suas percepções quanto aos resultados

Os apontamentos sobre os embasamentos teóricos que as professoras utilizam em seu trabalho foi uma questão posta às professoras que responderam de forma objetiva. As respostas entre todas que as professoras mencionaram foram parecidas, e aqui cito de forma geral o que foi respondido: Vygotsky, Emília Ferreiro, BNCC, Diretrizes Curriculares da Educação Infantil.

Um questionamento que teve pertinência foi: "Você observa que há impactos em proporcionar o acesso à alfabetização na Educação Infantil? Se sim, quais?". Pois se realizam esse trabalho de alfabetização é porque veem algum resultado positivo. Então, para conhecer o olhar das professoras quanto aos resultados das suas práticas, essa questão corresponde ao objetivo: "Analisar o processo de alfabetização na Educação infantil na Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental EMEIEF "Vilmo Ornelas Sarlo" em Presidente Kennedy".

Diante de tal análise, foi importante entender como as professoras assimilam os resultados de suas práticas. Destaca-se aqui as respostas mais detalhadas, como:

- A educadora número 3, que disse que: "Uma vez que a criança começa a ler, mesmo no nível mais básico, sua leitura de textos torna-se a maior fonte de novas palavras e conceitos, de sintaxe complexa e de estruturas narrativas que, então, impulsionam seu desenvolvimento de linguagem" (Educadora 3. Entrevista em 01/11/2021).

- A educadora número 6 mencionou que: "a alfabetização é fundamental para a manutenção das crianças na escola. É nessa faixa etária que é criado maior vínculo inclusive com a escola. Ciclos de alfabetização que são incompletos podem acarretar reprovações e abandonos escolares" (Educadora 6. Entrevista em 01/11/2021).

A Educadora número 8 afirma que: "Sim, através das atividades pedagógicas que contribuem para o aprendizado da criança, como: alfabeto, vogais, numerais, fôrmas geométricas entre outros" (Educadora 8. Entrevista em 01/11/2021).

As outras educadoras (1, 2, 4, 5 e 7) apenas responderam "Sim", que percebem que há impactos positivos quando se trabalha o contato das crianças da pré-escola com a alfabetização.

Pode-se observar que todas concordam que há impactos na aprendizagem das crianças, o que não quer dizer que as elas vão passar para outra fase lendo e escrevendo com fluência, não é o caso, isso seria forçar muito o processo de alfabetização, pois na Educação Infantil é apenas proporcionar o contato com a linguagem escrita através de uma diversidade de atividades, que envolva gêneros textuais para a familiarização da criança, é o início do processo de alfabetização.

Soares (2004) aborda sobre esse processo onde entende ser importante entender que a criança pode apreender novos conceitos. A autora defende que para isso, o processo de alfabetização deve andar paralelo ao processo de letramento, onde o primeiro é o aprendizado dos símbolos que envolve a escrita e o segundo, o que fazer com esses símbolos na apreensão de mundo, na formação da criança enquanto ser social e cultural.

Gadotti (2005) explica que o letramento, que traz ao conceito de alfabetização um significado com maior abrangência, onde não só aprender a ler e escrever são suficientes, mas sobre o uso que se faz da leitura e escrita. É nesse sentido que Freire (1987, p. 68) defende o educador pode apenas depositar os conhecimentos em seus alunos, onde se refere à apenas transferir o que sabe ao aluno ou instiga-los a obter seus conhecimentos pela sua mediação e proporciona desenvolvimento dos alunos e aprende com eles também.

Para continuar a investigar as percepções das professoras quanto aos resultados do trabalho com a alfabetização, buscamos compreender se existe alguma dificuldade apresentada pelas crianças, observada pelas professoras na introdução à alfabetização.

- As Educadoras de números 1, 4, 6, 7 e 8 disseram que não há nenhuma dificuldade observada.

- A educadora número 2 respondeu: “Sim, a dificuldade começa por segurar o lápis, a dificuldade de concentração e ajuda dos pais. Uns compreendem logo” (Educadora 2. Entrevista em 01/11/2021).

- A educadora número 3 também respondeu: “Encontro dificuldades e a família não consegue estimular o interesse pela educação desde pequeno, sobretudo relacionado à leitura e estudos autônomos; a escola tem dificuldade em implementar atividades lúdicas que prendem a atenção dos alunos. Os pequenos podem desenvolver dependência dos pais e desinteresse pela aprendizagem” (Educadora 3. Entrevista em 01/11/2021).

- A educadora número 5 respondeu afirmativamente e disse que: “Observa-se que as dificuldades de aprendizagem na alfabetização podem estar relacionadas a diversos fatores. Algumas crianças têm dificuldade até na forma de segurar o lápis para a realização das atividades. Assim, é preciso que haja um olhar individualizado, pois cada criança tem uma forma de aprender. É importante que o educador utilize uma metodologia de forma que possibilite a criança a ser alfabetizada de forma prazerosa através de atividades lúdicas” (Educadora 5. Entrevista em 01/11/2021).

Nesse sentido, a ludicidade, com certeza, deve estar presente, pois a faixa etária da pré-escola, que é de 4 a 5 anos e 11 meses, considerada ainda crianças pequenas, conforme a BNCC. Portanto o compromisso é apenas que elas tenham acesso ao processo de alfabetização, mas nas interações e nas brincadeiras, que são atividades que o professor deve mediar, sem ter o compromisso de ensinar a ler e escrever na íntegra. Assim, percebe-se que a criança não consegue absorver a escrita, isso causa desconforto e frustração ao educador. O que não deve acontecer, pois diante do que Vygotsky defende, a criança assimila as coisas pra depois, em outro momento, acessar na sua mente. A partir disso, as educadoras devem ter essa consciência de que o trabalho não será em vão que, nos anos seguintes, as crianças com utilização desses conhecimentos que ficaram armazenados em sua memória.

Em relação às dificuldades que os infantes apresentam, podemos pensar que a falta de estímulos pode ocasionar essas dificuldades, conforme relata a Educadora 3, pois o professor, enquanto mediador, ao detectar pode e deve potencializar suas práticas pra trabalhar a criança de acordo com sua idade e realidade. Freire fala sobre o comprometimento com a educação e diz que:

A educação que se impõe aos que verdadeiramente se comprometem com a libertação não pode fundar-se numa compreensão dos homens como seres “vazios” a quem o mundo “encha” de conteúdos; não pode basear-se numa consciência especializada, mecanicistamente compartimentada, mas nos homens como “corpos conscientes” e na consciência como consciência *intencionada* ao mundo. Não pode ser a do depósito de conteúdos, mas a da problematização dos homens em suas relações com o mundo (FREIRE, 1987, p. 68).

Assim, podemos afirmar que a importância da qualidade da mediação do professor, no aprendizado dos alunos, pois, na Educação Infantil, conforme a BNCC, o professor contribui para o desenvolvimento pelo gosto da leitura, estimula a imaginação e a busca por conhecimento de mundo.

4.3.4 Observação sobre a utilização de brinquedos e brincadeiras nas atividades de alfabetização

Apesar de responderem a essa questão, na roda de conversa, ela fez parte desse questionário também, como forma de registrar as propostas das professoras aqui, que responderam:

- Educadora 1: “A brincadeira é um dos eixos estruturantes da Educação Infantil. Portanto todas as atividades devem e podem ser inseridas nesse contexto, para que a criança seja motivada e haja prazer ao fazê-la” (Educadora 1. Entrevista em 01/11/2021).

- Educadora 2: “Utilizo sim, jogos com vogais ou silábicos, jogos da memória com ilustração, contação de história, oportunizo a criança a recontar a história, pesquisa sobre as letras iniciais do nome da criança, caça-palavra para encontrar a primeira letra do nome do educando. Complemento ainda que utilizo desenho animado, músicas, roda de leituras, cantigas” (Educadora 2 Entrevista em 01/11/2021).

- Educadora 3: “Sim. Cantigas de roda, bolas, quebra cabeça” (Educadora 3. Entrevista em 01/11/2021).

- Educadora 4: “Utilizo sim, pois favorece o desenvolvimento de atividades interdisciplinares: história onde podemos tratar sobre os brinquedos e as brincadeiras dos nossos avós, a origem dos brinquedos; confecção de brinquedos artesanais, a partir de sucata ou outros materiais; nas práticas de jogos e brincadeiras ao ar livre etc” (Educadora 4. Entrevista em 01/11/2021).

- Educadora 5: “Sim, a brincadeira é um dos eixos estruturantes da Educação Infantil. Na Educação Infantil é importante que todas as atividades sejam prazerosas, a música deve fazer parte da rotina diária da sala de aula” (Educadora 5. Entrevista em 01/11/2021).

- Educadora 6: “Sim. Através de brinquedos, jogos e brincadeiras, a criança tem a oportunidade de se desenvolver, pois além de ter a curiosidade, a autoconfiança e a autonomia estimuladas, ainda desenvolve a linguagem, a concentração e a atenção. O brincar contribui para que a criança se torne um adulto eficiente e equilibrado. O rol de exemplos de recursos de natureza pedagógica também pode ser ampliado, o que inclui o ábaco, o soroban, alguns softwares educacionais, o webquest, o globo terrestre, os modelos anatômicos, como esqueletos, e muitos outros itens. De fato, não há como esgotarmos a infinidade de recursos pedagógicos possíveis” (Educadora 6. Entrevista em 01/11/2021).

- Educadora 7: “Sim, jogos de boliche com número e letras nos pinos. Utilizo também desenho educativos e musicas”. (Educadora 7. Entrevista em 01/11/2021)

- Educadora 8: “Sim. Dominó de letras do alfabeto, contação de histórias, caça palavras , bingo etc. Sempre complemento com músicas, histórias ou ainda roda de leitura” (Educadora 8. Entrevista em 01/11/2021).

Diante do que expõem as professoras, é perceptível que tenham a consciência da importância da ludicidade permeando as práticas com brincadeiras e interações, fundamentais para o trabalho educacional na etapa da Educação Infantil. Segundo Costa (2019), é através da ludicidade que as crianças podem atuar na construção do conhecimento próprio, independente do que aprendem e ressalta ainda que o brincar perde espaço para a alfabetização, mas que é necessário utilizar-se das brincadeiras para facilitar o processo de aprendizagem, pois a criança não pode ser vista como um adulto em miniatura. Para Gontijo (2018), o faz de conta é que proporciona o aprendizado da leitura e escrita para as crianças, pois ela se interessa pelo texto e

começa a associar com outros aprendizados já adquiridos com o que está expresso nas páginas do livro, nas palavras e imagens.

Em relação à educação, Freire (1996) deixa suas ricas contribuições para esta pesquisa, de forma a refletir sobre o aprendizado, pois toda a prática pensada pelas professoras tem os objetivos traçados que desenvolverão esta ou aquela habilidade. Nesse sentido, Freire (1996) diz que:

Faz parte das condições em que aprender criticamente é possível a pressuposição por parte dos educandos de que o educador já teve ou continua tendo experiência da produção de certos saberes e que estes não podem a eles, os educandos, ser simplesmente transferidos. Pelo contrário, nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo. Só assim podemos falar realmente de saber ensinado, em que o objeto ensinado é apreendido na sua razão de ser e, portanto, aprendido pelos educandos (FREIRE, 1996, p. 13).

Assim, diante das respostas obtidas e do questionamento que principiou esta pesquisa, que é compreender quais são as bases teóricas utilizadas atualmente pelos educadores para realizar o trabalho de alfabetização nas práticas da Educação Infantil, foi possível verificar que os seus aportes teóricos estão situados especialmente em Vygotsky e em Emília Ferreiro, assim como na BNCC, Diretrizes Curriculares da Educação Infantil. Também foi unânime as respostas em relação a utilização de jogos lúdicos para incentivar o letramento e para introduzir a alfabetização.

5 PRODUTO EDUCACIONAL

A partir da pesquisa de campo, da aplicação do questionário às educadoras e das rodas de conversas, construímos um guia didático, que se encontra no Apêndice C, como produto educacional como forma de materializar contribuições desta pesquisa para a Educação Infantil, com foco no letramento e na alfabetização para a faixa etária dos 4 aos 6 anos. O guia foi escrito orientado pelos documentos nacionais que regem a educação, como a Base Nacional Comum Curricular, especificamente nos objetivos voltados para a Educação Infantil, com suas particularidades, no que compreende esta etapa, e também através da síntese que a análise de dados proporcionou. As respostas obtidas através da aplicação dos questionários, os momentos vivenciados nas rodas de conversa, as três visitas à escola foram as contribuições emergidas para compor o produto.

A BNCC aponta que a Educação Infantil é a primeira etapa da Educação Básica. É o momento em que as crianças têm os seus primeiros contatos com a vida social fora do eixo familiar, onde começa a preparação para o Ensino Fundamental, a partir da adaptação ao ambiente escolar, à rotina, à convivência e à socialização.

Ainda de acordo com as DCNEI, em seu Artigo 9º, os eixos estruturantes das práticas pedagógicas dessa etapa da Educação Básica são as interações e a brincadeira, experiências nas quais as crianças podem construir e apropriar-se de conhecimentos por meio de suas ações e interações com seus pares e com os adultos, o que possibilita aprendizagens, desenvolvimento e socialização.

A interação durante o brincar caracteriza o cotidiano da infância, trazendo consigo muitas aprendizagens e potenciais para o desenvolvimento integral das crianças. Ao observar as interações e a brincadeira entre as crianças e delas com os adultos, é possível identificar, por exemplo, a expressão dos afetos, a mediação das frustrações, a resolução de conflitos e a regulação das emoções.

Tendo em vista os eixos estruturantes das práticas pedagógicas e as competências gerais da Educação Básica propostas pela BNCC, seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento asseguram, na Educação Infantil, as condições para que as crianças aprendam em situações nas quais possam desempenhar um papel ativo em ambientes que as convidem a vivenciar desafios e a sentirem-se provocadas a resolvê-los, nas quais possam construir significados sobre si, os outros e o mundo social e natural (BRASIL, 2017, p. 37).

Com isso, a BNCC deixa bem claro a importância dos eixos estruturantes para o trabalho na Educação Infantil, pois expressa que o brincar e as interações são características da faixa etária dessa etapa e que proporciona o desenvolvimento através desses eixos.

Lopes (2006) aponta que a brincadeira é uma forma de trabalhar não só a imaginação das crianças, mas também o seu amadurecimento saudável. Como colocado por Ferreiro e Teberosky (1985), na etapa da Educação Infantil a escrita pode estar sempre presente nos momentos de aprendizagem através da ludicidade e do jogo, para tornar o ato de aprender uma brincadeira. Desse modo, os educadores gradualmente introduzem as crianças ao letramento e à alfabetização ao trabalhar a partir da familiaridade por etapas, uma vez que é neste período que antecede o Ensino Fundamental, onde acontece a alfabetização. Gontijo (2018) contribui com a visão de que a Educação Infantil não é o momento de ensinar a ler, de fato, mas sim apresentar o mundo das letras através da contação de histórias ilustradas, ao fazer perguntas sobre o que foi contado, gradualmente auxiliar no processo de fixação daquilo que foi visto e escutado. Essas ações, segundo Gontijo (2018), facilitam o processo de tornar as letras um lugar conhecido. É importante que a compreensão das etapas de desenvolvimento de uma criança seja nítida e observada pelos educadores, a fim de que a formação realizada na Educação Infantil não crie indisposições para as etapas subsequentes. Nesse sentido, é imprescindível que os educadores que trabalham com Educação Infantil tenham acesso às matrizes teóricas que fundamentam o trabalho de introdução à alfabetização e ao letramento através do lúdico e da brincadeira como ferramentas. Como apontado por Costa (2019), o brincar não deveria perder espaço para a alfabetização, uma vez que um processo não deveria anular o outro, por serem questões metodológicas. Se os educadores possuem um método lúdico de ensino, o brincar pode, segundo Costa (2019), facilitar a alfabetização, e não ser visto como perda de tempo.

Assim, o guia pedagógico visa assegurar não só a incontestável importância do lúdico e da brincadeira como ferramentas vitais na introdução ao letramento e à alfabetização na Educação Infantil, mas também realizar um panorama de aportes teóricos que são referências para o trabalho com as crianças desta etapa na Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental EMEIEF Vilmo Ornelas Sarlo, situada no município de Presidente Kennedy.

É claro que o guia pedagógico pode ser aproveitado pelos educadores de outras realidades escolares, mas torna-se importante especificar o contexto para o qual este guia foi produzido, uma vez que foi observada a realidade deste território que possui suas particularidades, questões e problemáticas distintas de outros

lugares, ainda que existam relações possivelmente análogas entre um território e outro.

A presente pesquisa se justificou pela importância da compreensão das matrizes teóricas que guiam os educadores ao ensino de crianças de 4 a 6 anos. A partir da análise de dados, constatamos que as atividades que mais possuem êxito para o ensino e aprendizagem são aquelas onde o lúdico permeia, são as que trabalham os conhecimentos para as crianças de forma alegre e interativa.

Tendo em vista que as educadoras compartilham, em comum, o desejo de aperfeiçoar cada vez mais suas práticas pedagógicas, este guia é uma reunião de tais aspirações como forma de materialização. Assim como também é um documento histórico sobre como nos organizamos, no que diz respeito à Educação Infantil brasileira, as práticas voltadas para a alfabetização na Educação Infantil, dentro da realidade da Educação da Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental EMEIEF “Vilmo Ornelas Sarlo”, no município de Presidente Kennedy.

Ao observar os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento localizados na seção de Educação Infantil da BNCC e realizar um paralelo com as atividades que já são realizadas pelos educadores da escola, foi possível preparar uma sistematização através da análise de dados. Nesse sentido, esse guia pedagógico leva em conta os conhecimentos que os educadores já utilizam para conduzir o trabalho de introdução ao letramento e à alfabetização e reconhecer a importância do trabalho que já é realizado. Esperamos, através deste guia pedagógico, apoiar, contribuir e estimular o trabalho docente, tão precioso e importante para a formação das crianças que aos poucos assimilam e apreendem o mundo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve início com a nossa inquietação pessoal sobre a alfabetização e gerou um histórico sobre questões de políticas de alfabetização para encontrar respostas para que os alunos sejam alfabetizados com mais facilidade ao chegarem ao Ensino Fundamental I. Durante trajetória como professora, pudemos observar as concepções de como alfabetizar de forma que o aluno sinta vontade de aprender. Dessa forma, é possível reforçar a importância do assunto abordado, visto que ele pode impactar fortemente uma alfabetização mais politizada, onde a criança vence os desafios de sua aprendizagem e dá continuidade aos seus estudos, exercita o direito de estar alfabetizada, reconhecida nesse processo. Foi aplicado um questionário aos professores e durante o desenvolvimento da pesquisa alcançaram-se os objetivos de conhecer e contextualizar os programas educacionais de alfabetização no país, como ocorreu o processo de alfabetização nos anos iniciais do ensino fundamental, como é a organização do trabalho e a prática educativa com a alfabetização. Ao levar em conta que cada aluno é singular em seu modo de ser, agir, pensar e aprender, assim como é muito plural a qualidade de educandos que se encontra em sala de aula, o professor ocupa papel de destaque na mediação de conhecimento. Desse modo, deve-se adequar a sua forma de ensinar e visar atender aos alunos, cada qual com suas particularidades.

Assim, diante da pesquisa realizada, podemos concluir que as práticas de alfabetização podem ser incluídas na Educação Infantil, desde que aconteça a partir da ludicidade, das brincadeiras e interações que a especificidade da pré-escola pede. Nessa etapa da Educação, as professoras devem trabalhar a alfabetização de forma a familiarizar as crianças com a linguagem escrita através de jogos, brincadeiras, atividades de recorte e colagem, contação de histórias, leitura de imagens, musicalidade e outros que possibilitem a criança a ter contato com o mundo da escrita.

Dessa forma, a criança começa a se familiarizar com a linguagem escrita e que pode facilitar seu processo de alfabetização quando este for obrigatório, no Ensino Fundamental. Esse é um fator que possibilita também amenizar as dificuldades que muitas educadoras encontram ao alfabetizar as crianças após da pré-escola.

Percebemos, diante da pesquisa, que quanto mais experiências e vivências em que são proporcionadas às crianças, mais conhecimentos elas interiorizam para a

construção de seus conhecimentos, que às vezes esse conhecimento não será adquirido no momento da atividade, mas quando o que foi interiorizado é acessado novamente em outras experiências.

Assim, faz-se necessário que as educadoras da Educação Infantil compreendam a complexidade que envolve esta etapa, assim como as implicações no que tange trabalhar os processos de alfabetização na Educação Infantil. Pois uma formação continuada permite ao educador ampliar seu repertório de práticas e adequá-las cada dia mais à realidade de seus alunos, o que permite trabalhar por uma educação voltada para a libertação e de forma questionadora com seus alunos, a fim de prepará-los para atuar como cidadãos críticos na sociedade em que vivemos. Isso tudo dá, a cada um, tanto aluno como professor, sentir-se parte de uma realidade, que pode ser transformada, e se permitir ser transformado por ela.

A partir dessa pesquisa, foi possível perceber que as educadoras se respaldam na tendência pedagógica sócio-histórica, seguem a linha de pensamento de Vygotsky, pelo fato de entender a escola como espaço que promove o aprendizado através da mediação do professor e das relações desenvolvidas através das interações com outras crianças e com os adultos. Através dessa tendência, pautada em Vygotsky, é que se propõem práticas voltadas para o desenvolvimento das crianças, onde as educadoras compreendem que o aluno aprende um novo conceito e o associa a outros que já aprendeu, ampliam assim seus conhecimentos.

No que tange ao aprendizado da linguagem escrita, percebemos que as educadoras buscam articular o processo de alfabetização e envolvem a ludicidade em suas práticas para a pré-escola, pois dentro dessa faixa etária é necessário que as crianças sejam preparadas através da interação e das brincadeiras, para que, depois de familiarizadas, possam ser alfabetizadas com mais tranquilidade, pois terão facilidade em assimilar o que já tiveram contato.

7 REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Eliana Borges C. de; FERREIRA, Andrea Tereza Brito. **Práticas de ensino da leitura e da escrita na educação infantil no Brasil e na França e os conhecimentos das crianças sobre a escrita alfabética**. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982020000100708#:~:text=Ensinar%20a%20ler%20e%20escrever,era%20desenvolvida%20na%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20Infantil> Acesso em: 20/06/2021.

AZENHA, M. G. **Construtivismo**: de Piaget a Emília Ferreiro. 4ª edição, São Paulo: Ática, 1995.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf> Acesso em: 20/06/2021.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica**. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília MEC/SEB/DICEI, 2013.

CAGLIARI, L. C. **Alfabetização e Linguística**. 5. ed. São Paulo: Scipione, 1992.

CEREZUELA, Cristina; MORI, Nerli Nonato Ribeiro. **A educação escolar e a teoria histórico-cultural** – UEM. EDUCERE (XII CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO) UNESCO. PUC/PR, 2015.

CESCA, Maria I. Salvador. **Visão histórica do ensino**: Aprendizagem da Lecto escrita, 2003.

DUARTE, Newton. **Vigotski e o “aprender a aprender”**: crítica às apropriações neoliberais e pós-modernas da teoria vigotskiana. 2. ed. rev. e ampl. — Campinas, SP: Autores Associados, 2001. (Coleção educação contemporânea).

FERRARI, Márcio; FERREIRO, Emília. **A estudiosa que revolucionou a alfabetização**. 01 de Outubro, 2008. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/338/emilia-ferreiro-estudiosa-que-revolucionou-alfabetizacao>. Acesso em 04 de dez. 2021.

FERREIRO, E. Os processos construtivos de apropriação da escrita. In: (Org.). **Os processos de leitura e escrita**: novas perspectivas. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987. p. 102-123.

_____. **Reflexões sobre a alfabetização**. São Paulo: Cortez, 1990. 191 p.

_____. **Alfabetização em processo**. 18. ed. S. Paulo: Cortez, 2007b. 144 p.

FERREIRO, E; TEBEROSKY, A. **A psicogênese da língua escrita**. Tradução de D. M. Lichstenstein et. al. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

FERREIRO, Emília. **A representação da linguagem e o processo de alfabetização**. Cadernos de Pesquisa, v. 52, 1985.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. (62. Ed. RJ, 2016).

GADOTTI, M. **Alfabetização e Letramento**: como negar nossa história. 2005. Disponível em: <http://www.paulofreire.org/twiki/pub/Institucional/MoacirGadottiArtigosIt0004/AlfabLe tramento_2005.pdf> Acesso em: 20/06/2021.

GERHARDT, Tatiana Engel e SILVEIRA, Denise Tolfo. (org) **Métodos de pesquisa**. Coord. Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GONZALEZ, Keila Cristina Arruda Villamayor. **Linguagem Escrita na Educação Infantil Perspectivas para a prática pedagógica indicadas na produção acadêmica brasileira entre 1983 e 2001**. FLORIANÓPOLIS. 2004.

GONTIJO, C. M. M. **Alfabetização**: políticas mundiais e movimentos nacionais. – Campinas, SP: Autores Associados, 2014. 145p. – (Coleção educação contemporânea). Disponível em: <<https://www.ifgoiano.edu.br/periodicos/index.php/ciclo/article/view/741>>. Acesso em: 20/06/2021

LIBÂNIO, José Carlos. Tendências Pedagógicas na Prática Escolar. In: **Revista da ANDE**, n.6, p.11-19, 1983. Disponível em: <https://praxistecnologica.files.wordpress.com/2014/08/tendencias_pedagogicas_liba neo.pdf> Acesso em: 28/08/2021.

MORAIS, Artur Gomes de; ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de; BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi Alves. **Refletindo sobre a língua escrita e sobre sua notação no final da educação infantil**. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-66812016000300519> Acesso em: 20/06/2021

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **Os sentidos da Alfabetização**. São Paulo: UNESP, 2000.

MOURA, Adriana Ferro; LIMA, Maria Glória. A REINVENÇÃO DA RODA: RODA DE CONVERSA: UM INSTRUMENTO METODOLÓGICO POSSÍVEL. **Revista Temas em Educação**, João Pessoa, v.23, n.1, p. 98-106, jan.-jun. 2014

MUNIZ, Rita de Fátima; MUNIZ, Sheila Maria; BRAGA, Adriana Eufrásio. **Tendências Pedagógicas**: Da síntese conceitual à mediação da aprendizagem. Universidade Federal do Ceará (UFC), 2020. Disponível em: <<https://revistadocentes.seduc.ce.gov.br/index.php/revistadocentes/article/view/252>> Acesso em: 05/08/2021

OLIVEIRA, Marta Kohl. **Aprendizado e desenvolvimento**: um processo sócio-histórico. São Paulo: Scipione, 1997. (pensamento e ação no magistério).

OLIVEIRA, L. B. L., & LEÃO, D. V. A ALFABETIZAÇÃO E AS CONTRIBUIÇÕES DE EMÍLIA FERREIRO. **Ciclo Revista** (ISSN 2526-8082), 3(1), 2018.

QUEIROZ, Cecília Telma Alves Pontes de; MOITA, Filomena Maria Gonçalves da Silva Cordeiro. **Fundamentos sócio-filosóficos da educação**. Campina Grande; Natal: UEPB/UFRN, 2007.

RODRIGUES, Maria Alexandra Militão. **Diário de bordo**: algumas reflexões no oceano da educação. 2018. Disponível em:
<<https://vivendoeaprendendo.org.br/2018/10/04/diario-de-bordo-algumas-reflexoes-no-oceano-da-educacao/>> Acesso em: 14/10/2021

SOARES, Magda. **Letramento um tema em três gêneros**— 3 ed. – 2. reimp. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

SOARES, Magda. **As muitas facetas da Alfabetização**. 6 ed. São Paulo: Cad. Pesq. 19-24 fev. 1985.

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VYGOTSKY, Lev S. **Pensamento e linguagem**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____, A. G. **Sistema de Escrita Alfabética**. São Paulo: Melhoramentos, 2012.

3 em cada 10 brasileiros não conseguem entender esse texto. **Todos Pela Educação**. 12 de novembro de 2018. Disponível em:
<<https://todospelaeducacao.org.br/noticias/inaf-3-em-cada-10-brasileiros-nao-conseguiriam-entender-este-texto/>> Acesso: 14 de outubro de 2021.

APÊNDICES

APÊNDICE A: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), do estudo/pesquisa intitulado(a) **O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: POSSIBILIDADES E CONTRIBUIÇÕES**, conduzida por ANDREA DOS SANTOS FREIRE DUARTE. Este estudo tem por objetivo saber como acontece o processo de alfabetização na Educação Infantil, relacionar com a realidade das práticas escolares do município de Presidente Kennedy e quais são suas referências teóricas para o desenvolvimento do trabalho com as crianças de 4 a 6 anos, a fim de compreender o processo de alfabetização na Educação Infantil e seu desenvolvimento através dos autores e orientações nos documentos nacionais da área em questão.

Sua participação nesta pesquisa consistirá em responder o questionário elaborado especialmente para atender aos objetivos deste trabalho, a ser realizado de forma remota, por plataforma virtual. Eu, Andrea, elaborarei o questionário e disponibilizarei o acesso. As perguntas serão a respeito dos processos e metodologias utilizados na alfabetização das crianças de 4 a 6 anos, bem como perguntas acerca do suporte bibliográfico disponível para as professoras. Será apenas o questionário, que poderá ser respondido anonimamente. Os dados obtidos por meio desta pesquisa serão confidenciais e não serão divulgados em nível individual, visando assegurar o sigilo de sua participação.

Você foi selecionado(a) por ser docente da escola. Sua participação é voluntária e não é obrigatória. A qualquer momento, você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa, desistência ou retirada de consentimento não acarretará prejuízo. Vale ressaltar também que não há remuneração ao responder o questionário.

Enquanto pesquisadora, comprometo a tornar públicos nos meios acadêmicos e científicos os resultados obtidos de forma consolidada sem qualquer identificação de indivíduos participantes.

Desde então, ao responder o questionário, estará afirmando ter conhecimento das informações contidas neste documento e ter recebido respostas claras às minhas questões a propósito da minha participação direta (ou indireta) na pesquisa.

A Resolução 466/2012 deixa claro em seu capítulo V – DOS RISCOS E BENEFÍCIOS, que toda pesquisa com seres humanos envolve risco em tipos e gradações variados. Tendo isso em vista, é minha responsabilidade informar que os possíveis riscos da participação nesta pesquisa são: constrangimento, desconforto, mal estar, estresse, falta de privacidade. Para minimizar os riscos relacionados a falta de privacidade, o questionário será aplicado de maneira individualizada. Os participantes serão identificados através de código numéricos. Caso ocorra quebra de sigilo, os dados não serão utilizados na pesquisa, sendo descartados. Fortalecendo a segurança nesse quesito, com objetivo precautelado, somente o pesquisador irá manipular os dados. Além disso, o pesquisador estará presente em todas as etapas da pesquisa. Ainda com objetivo mitigador, todos os envolvidos receberão uma primorosa apresentação dos prováveis riscos, desconfortos e dos benefícios aos quais estarão expostos.

Comprometo-me, portanto, tomar todas as providências para evitar e/ou reduzir de quaisquer danos que possam surgir durante essa etapa. Ainda assim caso algum participante se sinta constrangido com alguma pergunta, poderá não a responder, dando continuidade às outras, ou ainda interrompendo a entrevista e voltar quando quiser. Reforça-se que, em qualquer momento, o participante poderá abandonar a pesquisa sem causar quaisquer transtornos ao pesquisador ou a escola.

Contudo, também devo explicitar que há benefícios em participar desta pesquisa, que é a autorreflexão a respeito da profissão, a partilha das experiências e a consequente melhora na autoestima, melhorando também os conhecimentos científicos acerca da alfabetização na Educação Infantil, oportunizando uma contribuição para toda a sociedade. Os benefícios em participar de uma pesquisa desse nível são estimulantes e de conhecimento amplo, pois oportuniza os envolvidos na pesquisa a ter um olhar mais significativo com reflexões profundas que podem ajudar a melhorar as contribuições no letramento e alfabetização das crianças, em um país em que os índices ainda são muito baixos.

Vale ressaltar que a participação na pesquisa: a) não será remunerada nem implicará em gastos para os participantes; b) haverá ressarcimento para eventuais despesas de participação, tais como: transporte e alimentação, etc.; c) indenização: cobertura material para reparação a dano, causado pela pesquisa ao participante da pesquisa. O direito à indenização é obrigatório, porque haverá indenização sempre que a pesquisa ocasionar algum tipo de dano ao participante.

Os dados obtidos por meio desta pesquisa serão confidenciais e não serão divulgados em nível individual, visando assegurar o sigilo de sua participação.

Enquanto pesquisadora comprometo a tornar públicos nos meios acadêmicos e científicos os resultados obtidos de forma consolidada sem qualquer identificação de indivíduos participantes.

Caso você concorde em participar desta pesquisa, assine ao final deste documento, que possui duas vias, sendo uma delas sua, e a outra, do pesquisador responsável / coordenador da pesquisa.

Eu declaro ter conhecimento das informações contidas neste documento e ter recebido respostas claras às minhas questões a propósito da minha participação direta (ou indireta) na pesquisa e, adicionalmente, declaro ter compreendido o objetivo, a natureza, os riscos e benefícios deste estudo.

Após reflexão e um tempo razoável, eu decidi, livre e voluntariamente, participar deste estudo. Estou consciente que posso deixar o projeto a qualquer momento, sem nenhum prejuízo.

Este termo possui duas vias de igual teor onde uma ficará com o pesquisando e outra com o pesquisador.

Nome completo: _____
 RG: _____ Data de Nascimento: ___/___/___ Telefone: _____
 Endereço: _____
 CEP: _____ Cidade: _____ Estado: _____
 Assinatura: _____ Data: ___/___/_____

Eu declaro ter apresentado o estudo, explicado seus objetivos, natureza, riscos e benefícios e ter respondido da melhor forma possível às questões formuladas.

Assinatura _____ pesquisador: Data: ___/___/_____

(ou seu representante)

Nome completo: _____

Para todas as questões relativas ao estudo ou para se retirar do mesmo, poderão se comunicar com _____, via e-mail: _____ ou telefone: _____.

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar:

CEP- COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - FVC
SÃO MATEUS (ES) - CEP: 29933-415
FONE: (27) 3313-0028 / E-MAIL: CEP@IVC.BR

PESQUISADOR(A) RESPONSÁVEL: ANDREA DOS SANTOS FREIRE DUARTE
ENDEREÇO: RUA VIRGÍLIO BRESINSKI, 156
PRESIDENTE KENNEDY (ES) - CEP: 29.350-000
FONE: / E-MAIL: (28) 99987-5981 / ANDREAFREIRE20111@HOTMAIL.COM

APÊNDICE B: QUESTIONÁRIO A SER APLICADO

1- Qual é sua concepção de alfabetização para a Educação Infantil?

2 - Quais atividades pedagógicas são aplicadas por você?

3 - Qual embasamento teórico você utiliza no trabalho de alfabetização de alfabetização de crianças pequenas?

04 - Você observa que há impactos em proporcionar o acesso à alfabetização na Educação Infantil? Se sim, quais?

5 - Existe alguma dificuldade apresentada pelas crianças, observada por você na introdução à alfabetização? Se sim, qual(is)?

6 Você utiliza brinquedos e brincadeiras nas atividades de alfabetização? Poderia descrevê-los?

7. Em relação às facilidades, você poderia dizer se há alguma apresentada no geral pelas crianças?

8. Você utiliza brinquedos e brincadeiras nas atividades de alfabetização? Poderia descrevê-los e dizer o que mais faz além dos brinquedos e brincadeiras.??

APÊNDICE C: PRODUTO EDUCACIONAL

INSTITUTO VALE DO CRICARÉ
FACULDADE VALE DO CRICARÉ
MESTRADO PROFISSIONAL EM CIÊNCIA, TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO

ANDREA DOS SANTOS FREIRE DUARTE

CONTRIBUIÇÕES A PROFESSORES DA PRÉ-ESCOLA DE PRÁTICAS
VOLTADAS PARA A ALFABETIZAÇÃO

SÃO MATEUS - ES

2021

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	77
1.1 JUSTIFICATIVA.....	78
1.2 PROBLEMA.....	78
1.3 OBJETIVO.....	78
1.3.1 OBJETIVO GERAL	78
1.3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICO.....	78
1.4 UM LINK COM A PESQUISA.....	79
2 BASE TEÓRICA SOBRE ALFABETIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO IFANTIL.....	82
3 METODOLOGIA.....	88
4 PRÁTICAS PARA OS PRIMEIRO CONTATOS COM A ALFABETIZAÇÃO.....	89
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	91
6 REFERÊNCIAS.....	92

1 INTRODUÇÃO

O presente produto educacional trata-se de um guia pedagógico elaborado como resultado da pesquisa realizada com as educadoras da Educação Infantil da Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental EMEIEF Vilmo Ornelas Sarlo, situada no município de Presidente Kennedy, com relação aos aportes teóricos que são as principais referências no trabalho desenvolvido com as crianças, em específico no que tange a introdução ao letramento e à alfabetização.

A Educação Infantil é a primeira etapa da Educação Básica e tem como objetivo o desenvolvimento integral da criança de 0 a 6 anos, contemplá-la em todos seus aspectos cognitivos, físico, psicológico e social, conforme as Diretrizes Nacionais da Educação Básica (BRASIL 2013), documento nacional que garante o cuidado e o educar, mediante uma atenção mais intensa durante as atividades pedagógicas.

A etapa da Educação Infantil é dividida em creche e a pré-escola, segundo as Diretrizes Nacionais da Educação Básica 2013, que entende que é sujeito histórico e de direitos, que se desenvolve nas interações com outras crianças e adultos, pois adquire conhecimentos através das experiências do cotidiano. Nesse sentido, a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL 2017), assegura através dos direitos de aprendizagem, por intermédios das interações e do brincar, condições para que as crianças aprendam e construam significados de si, dos outros e do mundo, pois este documento deixa clara a promoção do desenvolvimento das crianças com planejamento, organização e mediação por parte do professor.

Segundo a BNCC, uma das competências gerais da Educação Básica, na qual a Educação Infantil se encontra, é o ensinar a

Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artísticas, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo (BRASIL 2017, P. 9).

É nesta etapa do aprendizado que há um compromisso com atividades onde o lúdico permeia e que a introdução às letras e às linguagens de expressão, comunicação, verbais e escritas devem ser em forma de experiências para que as crianças se familiarizem com o mundo da escrita. É uma forma de preparação para o Ensino Fundamental, onde se inicia o processo de alfabetização. Portanto, faz-se

necessário compreender o que pode ser incluído na pré-escola, no que diz respeito às atividades voltadas para a alfabetização.

1.1 JUSTIFICATIVA

Ao buscar, no referencial teórico, um aporte para o entendimento do processo de alfabetização e como acontece o desenvolvimento da criança, este trabalho tem o intuito de destacar a importância das práticas voltadas para a Alfabetização na Educação Infantil, no intuito de trabalhar o desenvolvimento das crianças no que diz respeito à alfabetização, para contribuir no acesso à linguagem escrita, nesta etapa onde o lúdico permeia nas atividades através das interações e brincadeiras.

Assim, este trabalho se justifica pela importância de compreender como se consolida o trabalho de alfabetização na Educação Infantil, mais especificamente na pré-escola para apresentar propostas e contribuições às práticas pedagógicas das professoras das turmas da pré-escola, ao partir de atividades que envolvem a ludicidade, pois se trata de crianças pequenas.

1.2 PROBLEMA

Como se consolida o processo de alfabetização na prática da Educação Infantil, na pré-escola?

1.3. OBJETIVO

1.3.1 GERAL

Contribuir com os professores da Educação Infantil no trabalho de alfabetização na fase da pré-escola à partir de atividades lúdicas.

1.3.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Refletir o processo de alfabetização na Educação Infantil através dos autores e orientações nos documentos nacionais da área em questão.

- Compreender como deve acontecer o processo de alfabetização na Educação Infantil à partir da ludicidade.
- Proporcionar aos professores da pré-escola um guia com atividades lúdicas com o intuito de trabalhar a alfabetização.

1.4 UM LINK COM A PESQUISA

O guia pedagógico visa assegurar não só a incontestável importância do lúdico e da brincadeira como ferramentas vitais na introdução ao letramento e à alfabetização na Educação Infantil, mas também realizar um panorama de aportes teóricos que são referências para o trabalho com as crianças desta etapa na Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental EMEIEF “Vilmo Ornelas Sarlo”, situada no município de Presidente Kennedy.

A partir da pesquisa de campo, da aplicação do questionário às/aos educadoras/es e das rodas de conversas, construiu-se um guia didático como produto educacional como uma forma de materializar contribuições desta pesquisa para a Educação Infantil, com foco no letramento e na alfabetização para a faixa etária dos 4 aos 6 anos. O guia foi escrito orientado pelos documentos nacionais que regem a educação, como a Base Nacional Comum Curricular, especificamente nos objetivos voltados para a Educação Infantil com suas particularidades no que compreende esta etapa, e também através da síntese que a análise de dados proporcionou. As respostas obtidas através da aplicação dos questionários, os momentos vivenciados nas rodas de conversa, a visita à escola foram as contribuições emergidas para compor o produto final.

É claro que o guia pedagógico pode ser aproveitado pelos educadores de outras realidades escolares, mas torna-se importante especificar o contexto para o qual este guia foi produzido, uma vez que foi observada a realidade deste território que possui suas particularidades, questões e problemáticas distintas de outros lugares.

O surgimento deste guia partiu da pesquisa que se pautou na importância da compreensão das matrizes teóricas que guiam os educadores ao ensino de crianças de 4 a 6 anos. A partir da análise de dados, constatou-se que todas as pessoas que responderam o formulário de pesquisa concordam que a introdução a alfabetização e

ao letramento podem acontecer de forma leve, prazerosa e processual, ao respeitar os limites cognitivos desta etapa, mas que também deve oferecer uma base para que as crianças não venham a sentir dificuldades nos anos subsequentes.

Entre as principais referências teóricas utilizadas, as mais citadas foram Emília Ferreiro e Vygotsky, assim como a BNCC e as Diretrizes Curriculares da Educação Infantil.

Ao considerar os autores citados e o questionário respondido pelas docentes, foi observado que as atividades lúdicas com intencionalidade pedagógica são as que mais possuem êxito para a aprendizagem, não apenas no que se refere ao letramento e à alfabetização, mas também ao aprendizado sobre si, a convivência com as/os colegas, com os adultos e com a comunidade no geral. Destacou-se a importância da brincadeira para fortalecimento da auto-confiança, da concentração, da coordenação motora.

Entre as dificuldades encontradas pelas docentes, destacou-se a dificuldade de concentração das crianças, dificuldade motora até mesmo para segurar um lápis, desafios para obter apoio e ajuda dos pais no estímulo pela aprendizagem. Nesse sentido, foi apontada a importância da utilização de uma metodologia que possibilite a criança ser alfabetizada de forma prazerosa e lúdica, e por isso a importância das matrizes teóricas que guiam a docência nessa etapa. Também destacou-se a importância de um olhar individualizado, ao considerar que cada criança tem um tempo diferente e uma forma de aprender.

Tendo em vista que as educadoras compartilham em comum o desejo de aperfeiçoar cada vez mais suas práticas pedagógicas, este guia é uma reunião de tais aspirações como forma de materialização. Assim como também é um documento histórico sobre como nos organizamos no que diz respeito à Educação Infantil brasileira, as práticas voltadas para a alfabetização na Educação Infantil, dentro da realidade da Educação da Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental EMEIEF “Vilmo Ornelas Sarlo”, no município de Presidente Kennedy. Ao observar os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento localizados na seção de Educação Infantil da BNCC e realizar um paralelo com as atividades que já são realizadas pelos educadores da escola, foi possível preparar uma sistematização através da análise de dados.

Nesse sentido, esse guia pedagógico leva em conta os conhecimentos que os educadores já utilizam para conduzir o trabalho de introdução ao letramento e à alfabetização, ao reconhecer a importância do trabalho que já é realizado. Ele apresenta atividades que, segundo os eixos estruturantes da Educação Infantil que são as interações e as brincadeiras, trazem possibilidades lúdicas no que diz respeito à alfabetização. Este guia é voltado para professores da Educação Infantil com o intuito de colaborar com o desenvolvimento das crianças da pré-escola.

2 BASE TEÓRICA SOBRE ALFABETIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A BNCC aponta que a Educação Infantil é a primeira etapa da Educação Básica. A Educação Infantil é o momento em que as crianças têm os seus primeiros contatos com a vida social fora do eixo familiar, onde começa a preparação para o Ensino Fundamental a partir da adaptação ao ambiente escolar, à rotina, à convivência e à sociabilização.

Ainda de acordo com as DCNEI, em seu Artigo 9º, os eixos estruturantes das práticas pedagógicas dessa etapa da Educação Básica são as interações e a brincadeira, experiências nas quais as crianças podem construir e apropriar-se de conhecimentos por meio de suas ações e interações com seus pares e com os adultos, o que possibilita aprendizagens, desenvolvimento e socialização.

A interação durante o brincar caracteriza o cotidiano da infância, trazendo consigo muitas aprendizagens e potenciais para o desenvolvimento integral das crianças. Ao observar as interações e a brincadeira entre as crianças e delas com os adultos, é possível identificar, por exemplo, a expressão dos afetos, a mediação das frustrações, a resolução de conflitos e a regulação das emoções.

Tendo em vista os eixos estruturantes das práticas pedagógicas e as competências gerais da Educação Básica propostas pela BNCC, seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento asseguram, na Educação Infantil, as condições para que as crianças aprendam em situações nas quais possam desempenhar um papel ativo em ambientes que as convidem a vivenciar desafios e a sentirem-se provocadas a resolvê-los, nas quais possam construir significados sobre si, os outros e o mundo social e natural (BRASIL 2017, p. 37).

Com isso a BNCC deixa bem claro a importância dos eixos estruturantes para o trabalho na Educação Infantil, pois expressa que o brincar e as interações são características da faixa etária dessa etapa e que proporciona o desenvolvimento através desses eixos.

Lopes (2006) aponta que a brincadeira é uma forma de trabalhar não só a imaginação das crianças, mas também o seu amadurecimento saudável. Como colocado por Ferrero; Teberosky (1985), na etapa da Educação Infantil a escrita pode estar sempre presente nos momentos de aprendizagem através da ludicidade e do jogo, torna o ato de aprender uma brincadeira. Desse modo, os educadores gradualmente introduzem as crianças ao letramento e à alfabetização, trabalham a partir da familiaridade por etapas, uma vez que é neste período que antecede o Ensino Fundamental, onde acontece a alfabetização. Gontijo (2018) contribui com a visão de que a Educação Infantil não é o momento de ensinar a ler, de fato, mas sim apresentar o mundo das letras através da contação de histórias ilustradas, ao fazer perguntas

sobre o que foi contado, gradualmente auxiliam no processo de fixação daquilo que foi visto, escutado. Essas ações, segundo Gontijo (2018), facilitam o processo de tornar as letras um lugar conhecido. É importante que a compreensão das etapas de desenvolvimento de uma criança sejam nítidas e observadas pelos educadores, a fim de que a formação realizada na Educação Infantil não crie indisposições para as etapas subsequentes. Nesse sentido, é imprescindível que os educadores que trabalham com Educação Infantil tenham acesso à matrizes teóricas que fundamentam o trabalho de introdução à alfabetização e ao letramento através do lúdico e da brincadeira como ferramentas. Como apontado por Costa (2019), o brincar não deveria perder espaço para a alfabetização, uma vez que um processo não deveria anular o outro, por serem questões metodológicas. Se os educadores possuem um método lúdico de ensino, o brincar pode, segundo Costa (2019), facilitar a alfabetização, e não ser visto como perda de tempo.

Ferreiro (1985) ressalta que pensar na alfabetização como uma aquisição de código, pelo fato da escrita ser uma forma de transcrição da oralidade, compreende-se então que a aprendizagem é a aquisição de uma técnica. Dessa maneira, basta que o alfabetizando consiga decodificar os sinais gráficos, para que então seja considerado um leitor.

Para Emília Ferreiro e Ana Teberosky, a linguagem escrita deve ser entendida como um sistema de representação da linguagem, ao contrário daquele em que a linguagem escrita é tratada como a codificação de uma linguagem. Consequentemente, opõem-se ao conceito de letramento, entendido como o aprendizado de duas técnicas distintas (codificação e decodificação da linguagem escrita) em que o professor é o único informante autorizado. (CESCA, 2003).

Ferreiro (2001) relata que nenhuma criança chega à escola e ignora completamente a linguagem escrita. Eles não aprendem porque podem ver e ouvir sons, ou porque têm lápis e papel à sua disposição, mas porque trabalham cognitivamente com o que o ambiente oferece.

No que diz respeito ao desenvolvimento da escrita, para Vygotsky escrever significa obter a realidade simbólica, o que auxilia no desenvolvimento dos gestos, da pintura e do jogo simbólico. (OLIVEIRA, p. 68, 1997). Oliveira cita Vygotsky ao afirmar que “desenhar e brincar deveriam ser estágios preparatórios para o desenvolvimento da linguagem escrita das crianças”. Para o pesquisador, a principal condição

necessária para que uma criança seja capaz de compreender como funciona a língua escrita, é descobrir que essa língua é um sistema de signos e que serve como um suporte para memória e para transmitir as ideias (OLIVEIRA 1997 p. 72 e 68)

Ao considerar a criança e a infância, sabemos que o ato de brincar e a brincadeira são premissas básicas para compreender esta etapa de vida. Inclusive para atuar como docente é necessário se aprofundar nas questões relativas ao lúdico e às brincadeiras, a fim de compreender a etapa infância e como melhor servir enquanto pessoa mediadora. Segundo Vygotsky (2007), a criança procura suprir seus desejos por meio do ato de brincar. É através do lúdico que a criança se permite o descobrir a si mesma e ao mundo. É também através dele que as crianças criam seus mundos imagéticos e que reproduzem no âmbito real e social. Lopes diz:

Brincar é uma das atividades fundamentais para o desenvolvimento da identidade e da autonomia. O fato de a criança, desde muito cedo poder se comunicar por gestos, sons e mais tarde, representar determinado papel na brincadeira, faz com que ela desenvolva sua imaginação. Nas brincadeiras, as crianças podem desenvolver algumas capacidades importantes, tais como a atenção, a imitação, a memória, a imaginação. Amadurecem também algumas capacidades de socialização, por meio da interação, da utilização e da experimentação de regras e papéis sociais (LOPES, 2006 p.110).

É no brincar que a criança constrói espaços de experimentação, de absorção, expressão e de transição entre o mundo interno e o externo. Portanto, o processo lúdico é fundamental no trabalho psicopedagógico. Ao considerar que a brincadeira e a aprendizagem através do lúdico são pilares para um bom desempenho da criança, o uso da ludicidade e de brincadeiras para conseguir transmitir os primeiros passos da escrita, do letramento, da compreensão textual torna-se necessário. Segundo Costa (2019) "O uso do lúdico em sala de aula visa a aquisição de oportunidades para que os alunos atuem como sujeitos na construção do próprio conhecimento, quer seja matemático, de raciocínio, de escrita e etc" (COSTA 2019, p. 826).

No entanto, segundo a autora

O brincar está perdendo espaço cada vez mais para a "alfabetização", mas um não exclui outro, é necessário compreender que o brincar facilita a alfabetização e utilizar o lúdico nas aulas não é perda de tempo, os profissionais da educação, precisam entender que a criança não é um adulto em miniatura (COSTA, 2019, p. 826).

No mesmo sentido que afirma Silva (2017), observo, enquanto professora, que através do lúdico e dos jogos de alfabetização alcançamos um suporte no processo de ensino aprendizagem. Silva (2017) aponta que "ensinar os alunos a aprender

brincando, aprender a ler a escrever, pois hoje a modalidade predominante na sociedade é a leitura e a escrita, através dela a criança se faz pessoa, cidadão construtor de seus pensamentos e opiniões" (SILVA 2017, p. 12). A alfabetização e o letramento em união com a ludicidade podem inclusive acender na criança o gosto pela literatura, pela arte e pela poesia porque auxilia na apreensão de conhecimentos de forma mais prazerosa e divertida. Quando participa de alguma uma atividade lúdica que lhe desperta presença, interesse e vontade, a criança não se sente pressionada em aprender. Ela apenas está ali no momento presente, absorve os conhecimentos que são transmitidos por todos, tanto pela professora/educadora quanto por todos os colegas presentes. O momento de espontaneidade e diversão propicia a abertura do corpo para o aprendizado e para a partilha. Assim, a criança compartilha o que sabe e aprende o que outra criança sabe.

É por meio da ludicidade, como sustentado por Santos (2019), que nós "podemos devolver à criança a liberdade de brincar e de ser criativa. No brincar, a criança foge dos tributos da eficácia, do formal e arrisca-se na escolha de outros caminhos, como, por exemplo, permitir que o medo de errar seja substituído pelo prazer e pela alegria de criar" (SANTOS 2019, p. 806).

É importante entender que desde que a criança nasce e interage com o mundo ao seu redor, o processo de formação deste indivíduo já ocorre. Na escola, nós trabalhamos com conteúdos fixados, mas a formação é um processo vital e contínuo.

A BNCC (Base Nacional Comum Curricular) é o norteador das práticas educacionais no Brasil e traz a estrutura de como se deve proceder para a estruturação desta. No que se refere à Educação Infantil e pré-escola em relação à alfabetização e letramento, temos o seguinte:

Na Educação Infantil, as aprendizagens essenciais compreendem tanto comportamentos, habilidades e conhecimentos quanto vivências que promovem aprendizagem e desenvolvimento nos diversos campos de experiências, sempre tomando as interações e a brincadeira como eixos estruturantes. Essas aprendizagens, portanto, constituem-se como objetivos de aprendizagem e desenvolvimento (BRASIL 2017, P. 32).

Nesta passagem fica evidente que, para essa faixa etária, é necessário trabalhar o desenvolvimento, ensino e aprendizagem com interações, brincadeiras e o lúdico como base. No campo de experiências descrito "Escuta, fala, pensamento e imaginação", temos algumas indicações sobre as práticas de introdução à alfabetização e ao letramento que devem ser aplicadas de acordo com a faixa etária.

Aqui destaco a parte que direciona os objetivos contidos na tabela referente à das crianças pequenas (4 anos a 5 anos e 11 meses):

1. (EI03EF01) Expressar ideias, desejos e sentimentos sobre suas vivências, por meio da linguagem oral e escrita (escrita espontânea), de fotos, desenhos e outras formas de expressão.
2. (EI03EF02) Inventar brincadeiras cantadas, poemas e canções, criando rimas, aliterações e ritmos.
3. (EI03EF03) Escolher e folhear livros, procurando orientar-se por temas e ilustrações e tentando identificar palavras conhecidas.
4. (EI03EF04) Recontar histórias ouvidas e planejar coletivamente roteiros de vídeos e de encenações, definindo os contextos, os personagens, a estrutura da história.
5. (EI03EF05) Recontar histórias ouvidas para produção de reconto escrito, tendo o professor como escriba.
6. (EI03EF06) Produzir suas próprias histórias orais e escritas (escrita espontânea), em situações com função social significativa.
7. (EI03EF07) Levantar hipóteses sobre gêneros textuais veiculados em portadores conhecidos, recorrendo a estratégias de observação gráfica e/ou de leitura.
8. (EI03EF08) Selecionar livros e textos de gêneros conhecidos para a leitura de um adulto e/ou para sua própria leitura (partindo de seu repertório sobre esses textos, como a recuperação pela memória, pela leitura das ilustrações etc.).
9. (EI03EF09) Levantar hipóteses em relação à linguagem escrita, realizando registros de palavras e textos, por meio de escrita espontânea (BRASIL 2017, P. 49. 50).

Em vista deste trecho extraído da BNCC, podemos perceber que a introdução ao mundo da literatura, dos símbolos-letras, das histórias orais e escritas, das hipóteses em relação à escrita, da confecção e interpretação de histórias através de desenhos, fotos e outras formas de expressão, etc., já configuram uma iniciação também ao letramento. Gontijo (2018) pontua que

A ideia não é ensinar as crianças a ler na Educação Infantil e sim apresentá-la à escrita para que quando elas forem alfabetizadas tudo isso já seja comum para elas e o processo de ensinar a ler e escrever se torne mais fácil, pois não é algo desconhecido para elas. É importante que o adulto (professor e/ou responsável) desde cedo ao contar uma história para as crianças ir mostrando as ilustrações e fazer perguntas durante a história para fixar e ajudar as crianças a entenderem o que estão ouvindo e depois da contagem da história perguntar às crianças sobre o quê é a história, o que as crianças entenderam e pedir para elas recontarem o que foi contado (GONTIJO, 2018, p. 12).

Quando uma criança consegue interpretar e criar roteiros, poemas, histórias, levantar hipóteses, transmitir, ainda que peça à professora ou ao professor que seja seu escriba, a meu ver é a prática do letramento que já acontece, que prepara positivamente a criança para a etapa da alfabetização, na qual ela mesma vai começar a movimentar sozinha os códigos, ganham sua autonomia. Gontijo (2018) diz que

Se uma professora de Educação Infantil tem o costume de contar histórias mostrando as imagens no livro para seus alunos, no dia que ela levar estes alunos para biblioteca e apresentar a eles esses livros, eles se lembrarão da história contada pela professora, farão leitura de imagens e contarão a história talvez da mesma forma que a professora contou ou usará sua imaginação e criará outra história. Chamamos esse processo de letramento. Pois estão colocando em prática o processo de leitura (GONTIJO 2018, p. 13).

A autora afirma também que quando a criança não tem a base para ingressar no processo de alfabetização, é provável que essa criança venha a ter dificuldades em aprender os processos de codificação e decodificação da linguagem escrita. Talvez precisem de apoio, de um reforço escolar. Por isso é tão importante que a criança tenha contato com as letras, as histórias, que tenha uma introdução à alfabetização através do letramento de forma adequada, pois contemplam as facilidades e os limites de cada fase/idade.

3 METODOLOGIA DO PRODUTO

Para a construção deste guia didático baseou-se em atividades voltadas para o processo de alfabetização na Educação Infantil, mais especificamente na pré-escola. Primeiramente foi necessário apresentar os teóricos e que fundamentam as atividades de alfabetização nesta etapa da educação, assim como o norteamento da BNCC, no que tange os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento, voltados para a temática.

Apresentam-se aqui contribuições aos professores no que tange as práticas de alfabetização que podem ser consolidadas na pré-escola, sem deixar que as interações, as brincadeiras e a ludicidade perca espaço na sala de aula. À partir disso contempla-se os professores da Educação Infantil, para que estas atividades lhes sirvam como contribuições para suas práticas.

As atividades aqui propostas são atividades possíveis de ser aplicado às crianças pequenas, pois respeitam sua faixa etária e organizadas de forma que possibilita adaptação conforme a realidade de cada turma.

4 PRÁTICAS PARA OS PRIMEIROS CONTATOS COM A ALFABETIZAÇÃO

As práticas aqui propostas visam o contato da criança da pré-escola com o alfabeto e com a escrita deste sempre de forma lúdica e divertida para que o aprendizado durante o processo de alfabetização seja sempre alegre.

Assim as atividades foram divididas conforme suas características onde os objetivos e o formato podem ser organizados pelo professor que decidir utilizar alguma dessas atividades.

HISTÓRIAS

Contação de histórias à partir de livros infantis

Contação e reconto de história,

Produção de texto coletiva tendo o professor como escriba,

JOGOS E BRINCADEIRAS

Jogos de adivinhação

Vôlei de lençol,

OUTRAS ATIVIDADES

Desenhos e pinturas a dedo...

Escultura com massa de modelar.

Teatro de fantoches.

Leitura de imagens

Músicas

ATIVIDADES COM O ALFABETO

Alfabeto móvel.

As vogais.

Numerais. Recorte e colagem

“ABC das frutas”, esse é um exercício muito rápido e dinâmico.

oficina de carimbos com as letras”.

rimas

sons das letras,

lista de palavras,
consciência fonológica,
os sons das letrinhas,
atividades com lista de palavras,
jogos com figuras relacionado a letras, numerais,
recortes de letras com as iniciais do nome das crianças."

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS DO PRODUTO

Espera-se, através deste guia pedagógico, apoiar, contribuir e estimular o trabalho docente, tão precioso e importante para a formação das crianças que aos poucos assimilam e absorvem o mundo.

A presente pesquisa teve início com a minha inquietação pessoal sobre a alfabetização e gerou um histórico sobre questões de políticas de alfabetização para encontrar respostas para que os alunos sejam alfabetizados com mais facilidade ao chegarem ao Ensino Fundamental I. Na minha trajetória como professora, pude observar as concepções de como alfabetizar de forma que o aluno sinta vontade de aprender.

Dessa forma, é possível reforçar a importância do assunto abordado, visto que ele pode impactar fortemente uma alfabetização mais politizada, onde a criança vence os desafios de sua aprendizagem e dá continuidade aos seus estudos, exercita o direito de estar alfabetizada, reconhecida nesse processo. Ao levar em conta que cada aluno é singular em seu modo de ser, agir, pensar e aprender, assim como é muito plural a qualidade de educandos que se encontra em sala de aula, o professor ocupa papel de destaque na mediação de conhecimento. Desse modo, se deve adequar a sua forma de ensinar com vistas atender aos alunos, cada qual com suas particularidades.

Conclui-se, então, que um trabalho educacional na pré-escola, à partir das práticas de alfabetização, permite às crianças o contato com mundo da escrita, possibilita que no anos seguintes já estejam familiarizadas com o alfabeto e facilita a compreensão e o processo de alfabetização, que possivelmente ocorrerá em conjunto com o letramento.

6 REFERÊNCIAS

BRASIL. **Base Nacional Curricular Comum**. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Disponível em:

<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf> (acesso em: 20/06/2021)

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica**. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília MEC/SEB/DICEI, 2013.

FERREIRO, E. Os processos construtivos de apropriação da escrita. In: (Org.). **Os processos de leitura e escrita: novas perspectivas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987. p. 102-123.

_____. **Reflexões sobre a alfabetização**. São Paulo: Cortez, 1990. 191 p.

_____. **Alfabetização em processo**. 18. ed. S. Paulo: Cortez, 2007b. 144 p.

FERREIRO, E; TEBEROSKY, A. **A psicogênese da língua escrita**. Tradução de D. M. Lichstenstein et. al. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

FERREIRO, Emília. **A representação da linguagem e o processo de alfabetização**. Cadernos de Pesquisa, v. 52, 1985.

GONTIJO, C. M. M. **Alfabetização: políticas mundiais e movimentos nacionais**. – Campinas, SP: Autores Associados, 2014. 145p. – (Coleção educação contemporânea).

<<https://www.ifgoiano.edu.br/periodicos/index.php/ciclo/article/view/741>> (acesso em: 20/06/2021)

LOPES, V. G. **Linguagem do Corpo e Movimento**. Curitiba, PR: FAEL, 2006.

OLIVEIRA, Marta Kohl. **Aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico**. São Paulo: Scipione, 1997. (pensamento e ação no magistério).

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VYGOTSKY, Lev S. **Pensamento e linguagem**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.


_____, A. G. **Sistema de Escrita Alfabética**. São Paulo: Melhoramentos, 2012.

ANEXO**ANEXO A: TERMO DE AUTORIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO COPARTICIPANTE****TERMO DE AUTORIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO COPARTICIPANTE**

Eu, Fátima Agrizzi Ceccon, ocupante do cargo de Secretária Municipal de Educação no município de Presidente Kennedy/ES, autorizo a realização da pesquisa com os professores da Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental EMEIEF Vilmo Ornelas Sarlo, situada no município de Presidente Kennedy/ES, sob a responsabilidade da pesquisadora Andrea dos Santos Freire Duarte, discente do Programa de Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação da Faculdade Vale do Cricaré, tendo como objetivo a aplicação dos questionários aos professores para atender ao projeto "O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: POSSIBILIDADES E CONTRIBUIÇÕES" e verificar como se consolida o processo de alfabetização na prática da Educação Infantil na referida escola. Afirmo que fui devidamente orientada sobre a finalidade e objetivos da pesquisa, bem como sobre a utilização de dados exclusivamente para fins científicos e que as informações a serem oferecidas para o pesquisador serão guardadas pelo tempo que determinar a legislação e não utilizadas em prejuízo desta instituição e/ou das pessoas envolvidas, inclusive na forma de danos à estima, prestígio e/ou prejuízo econômico e/ou financeiro. Além disso, durante ou depois da pesquisa é garantido o anonimato dos sujeitos e sigilo das informações.

Esta instituição está ciente de suas corresponsabilidades como instituição coparticipante do presente projeto de pesquisa, e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos participantes da pesquisa nela recrutados, dispondo da infraestrutura necessária para tal.

Presidente Kennedy, 01 de junho de 2021.



Fátima Agrizzi Ceccon

Assinatura do responsável e carimbo e/ou CNPJ da instituição

Decreto n.º 189/2019